



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL
CAMPUS REALEZA
CURSO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS**

MATHEUS BARREIRA CALDAS

**PERCEPÇÕES DE ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS SOBRE DROGAS
LÍCITAS E ILÍCITAS E SUAS PRÁTICAS DE CONSUMO**

**REALEZA
2019**

MATHEUS BARREIRA CALDAS

**PERCEPÇÕES DE ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS SOBRE DROGAS
LÍCITAS E ILÍCITAS E SUAS PRÁTICAS DE CONSUMO**

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado como requisito para a obtenção de grau de Licenciatura em Ciências Biológicas da Universidade Federal da Fronteira Sul.

Orientadora: Prof^a. Dra. Mariane Inês Ohlweiler

**Realeza
2019**

Para Letícia Pontes (Fortaleza), obrigado por ter feito parte da minha vida, que sua luz continue guiando a mim e a nossos amigos, te amamos para sempre (*In memoriam*).

Bibliotecas da Universidade Federal da Fronteira Sul – UFFS

Caldas, Matheus Barreira PERCEPÇÕES DE ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS SOBRE DROGAS LÍCITAS E ILÍCITAS E SUAS PRÁTICAS DE CONSUMO / Matheus Barreira Caldas. -- 2019. 91 f. Orientador: Mariane Inês Ohlweiler. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal da Fronteira Sul, Curso de Ciências Biológicas-Licenciatura, Realeza, PR , 2019.

Elaborada pelo sistema de Geração Automática de Ficha de Identificação da Obra pela UFFS com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Matheus Barreira Caldas

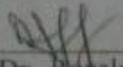
Percepções De Estudantes Universitários Sobre Drogas Lícitas e Ilícitas e suas Práticas de Consumo

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Ciências Biológicas - Licenciatura da Universidade Federal da Fronteira Sul, *campus* Realeza - PR, como requisito para a obtenção do título de Licenciado em Ciências Biológicas.

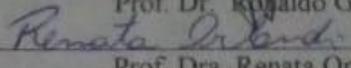
Orientador: Prof^a Dr Mariane Inês Ohlweiler

Este trabalho de conclusão de curso foi defendido e aprovado pela banca em: 14/11/2019

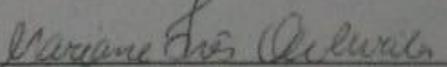
BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Ronaldo Garcia



Prof. Dra. Renata Oriandi



Prof. Dra. Mariane Inês Ohlweiler - UFFS

RESUMO

O consumo de drogas é algo recorrente na história da humanidade e possui as mais diversas razões e finalidades. Considerando que os estudantes universitários são mencionados como um público de risco quando se fala em consumo de psicoativos lícitos ou ilícitos, esta pesquisa buscou elucidar a seguinte pergunta problema: quais as percepções de estudantes universitários sobre drogas lícitas e ilícitas e quais são seus padrões de uso? Embasado em estudos de Nóbrega et al. (2012), Coutinho, Araújo e Gonties (2004), Zeferino et al. (2015), Eckschmidt, Andrade e Oliveira (2013), pesquisadores que procuraram elucidar questões parecidas e com público alvo semelhante, elaborou-se um questionário de abordagem quanti-qualitativa online que foi divulgado em dois diferentes grupos da mídia social *Facebook*. Estes grupos são formados, *a priori*, por estudantes das seguintes universidades públicas: UTFPR *campus* Francisco Beltrão e UFFS *campus* Realeza. Ao todo obteve-se 91 respostas, sendo que 90 (98,9%) participantes responderam já terem feito uso de alguma substância lícita ao menos uma vez na vida, apenas 1 (1,1%) alegou que não, dentro desse grupo o álcool e o tabaco foram as duas substâncias com maior recorrência de uso. Para as substâncias ilícitas obteve-se o dado de que 60 participantes (65,9%) fizeram uso ao menos uma vez na vida, enquanto 31 (34,1%), responderam que não. Para essa categoria as substâncias mais recorrentes foram a *Cannabis* e os alucinógenos. Considerando ambos os psicoativos, lícitos e ilícitos, o álcool foi a substância com maior frequência de uso. Também obteve-se como resultado da pesquisa variados motivos para o uso de lícitos ou ilícitos. Mas mesmo tratando-se de duas categorias jurídicas diferentes (dada a liberação ou não para o seu consumo), as motivações apresentadas foram semelhantes. Com relação às possíveis consequências do uso dessas substâncias, também foi possível encaixá-las em grupos semelhantes. A respeito do posicionamento dos participantes sobre o uso de psicoativos, 53 (58,2%) dos participantes declararam-se neutros, 17 (18,7%), favoráveis e os outros 21 (23,1%), desfavoráveis ao uso de ilícitos. Para os lícitos, 58 declararam-se neutros, 25 (27,5%) favoráveis e 8 (8,8%) desfavoráveis. Destaca-se ainda a necessidade de reflexão sobre os diferentes padrões de consumo no sentido de repensar a culpabilização que tem sido atribuída ora aos usuários, ora à sociedade num sentido mais amplo, considerando as diferentes causas possíveis. Os dados obtidos apontam a necessidade de políticas de redução de danos e de divulgação dos malefícios atrelados ao consumo abusivo de substâncias tanto lícitas quanto ilícitas.

Palavras-chave: Substâncias lícitas e ilícitas. Universitários. Uso de drogas. Drogadição.

ABSTRACT

Drug use is recurrent in the history of mankind and has the most diverse reasons and purposes. Considering college students are mentioned as a risky public when talking about the consumption of licit or illicit psychoactive, this research sought to elucidate the following problem question: What are the perceptions of college students about licit and illicit drugs and what are their patterns of use? Based on studies by Nóbrega et al. (2012), Coutinho, Araújo and Gonties (2004), Zeferino et al. (2015), Eckschmidt, Andrade and Oliveira (2013), researchers who sought to elucidate similar issues with a similar target audience, an online questionnaire was prepared which was circulated to two different social media groups *Facebook*. These groups are formed by students from the following public universities: UTFPR Francisco Beltrão campus and UFFS Realeza campus. In all, 91 answers were obtained, and 90 (98.9%) participants answered that they had already used some licit substance at least once in their lives, only 1 (1.1%) claimed that no, within this group alcohol and tobacco were the two substances with the highest recurrence of use. For illicit substances, it was found that 60 participants (65.9%) used it at least once in their lifetime, while 31 (34.1%) answered no. For this category the most recurrent substances were cannabis and hallucinogens. Considering both psychoactive, licit and illicit, alcohol was the most frequently used substance. It was also obtained as a result of the research several reasons for the use of licit or illicit. But even in the case of two different legal categories (given the release or not for their consumption), the motivations presented were similar. Regarding the possible consequences of using these substances, it was also possible to fit them into similar groups. Regarding the participants' positioning on psychoactive use, 53 (58.2%) participants declared themselves neutral, 17 (18.7%), favorable and the other 21 (23.1%), unfavorable to the use of psychoactive drugs illicit. For licit, 58 declared neutral, 25 (27.5%) favorable and 8 (8.8%) unfavorable. It also highlights the need for reflection on the different patterns of consumption in order to rethink the blame that has been attributed sometimes to users, sometimes to society in a broader sense, considering the different possible causes. The data obtained indicate the need for harm reduction policies and disclosure of the harms linked to the abuse of both licit and illicit substances.

Keywords: Licit and illicit substances. College students. Psychoactive use. Drug addiction

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	9
2 UM BREVE CONTEXTO HISTÓRICO.....	12
3 CONSIDERAÇÕES SOBRE O TERMO “DROGA” E SUAS CLASSIFICAÇÕES..	18
4 CONSUMO DE SUBSTÂNCIAS PSICOATIVAS E SUA RELAÇÃO COM O PÚBLICO UNIVERSITÁRIO.....	25
5 METODOLOGIA.....	33
5.1 RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	34
5.1.1 Sobre psicoativos em geral.....	35
5.1.2 Sobre substâncias lícitas.....	37
5.1.3 Sobre as práticas de consumo de substâncias lícitas.....	45
5.1.4 Sobre substâncias ilícitas.....	50
5.1.5 Sobre as práticas de consumo de substâncias ilícitas.....	59
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	63
REFERÊNCIAS.....	70
APÊNDICES.....	78

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho buscou entender mais sobre uma temática controversa e repleta de nuances: as percepções e práticas de consumo de substâncias lícitas e ilícitas. O uso de drogas é alvo de discussões, promessas políticas e de planos de gestão. Contudo, quanto mais se debate o assunto mais ele se mostra de difícil intervenção. Sendo assim, se faz necessário abordar a temática do uso de drogas de forma crítica e rigorosa, buscando-se produzir problematizações acerca dos fenômenos que o cercam (LINS e SCARPARO, 2010). Lins e Scarparo (2010) afirmam que todos somos usuários e abusadores, consome-se o álcool para espantar a tristeza, os remédios são utilizados para acordar, relaxar e aguentar as angústias da vida. Os autores ainda vão além e apontam que este comportamento de uso abusivo perpassa a questão das drogas, sendo comum estar presente no excessos, seja de trabalho, de gastos, de comida, de exercícios físicos, entre outros.

A relevância desta pesquisa se justifica pela especificidade do seu público alvo, tomando-se como foco o público universitário, de instituições públicas e localizadas na região sudoeste do estado do Paraná, mais especificamente como se dá a prática de consumo de substâncias lícitas e ilícitas. Muitos são os estudos a nível macro e em grandes centros urbanos, o que inviabiliza análises que perpassam contextos regionais e culturais mais específicos.

Ainda a respeito do público alvo dessa pesquisa, um trabalho realizado por Eckschmidt et al. (2013) que buscou comparar o uso de drogas entre universitários e a população geral brasileira, assim como entre os universitários norte-americanos, nos mostrou que entre os estudantes brasileiros as três substâncias mais consumidas são: o álcool, o tabaco e seus derivados e a maconha/haxixe, respectivamente. Vale ressaltar que, as duas primeiras são legalizadas e comercializadas livremente, já o consumo da terceira, é considerado algo ilegal e passível de punição. Contudo, esse caráter de ilegalidade não faz com que ela deixe de ser utilizada. Nóbrega et al. (2012) realizou um estudo sobre o policonsumo de substâncias psicoativas entre graduandos da área da saúde. Neste trabalho são apontadas algumas razões que levam esses estudantes a usarem as ditas “drogas”, sejam elas lícitas ou ilícitas. Algumas dessas motivações são: sentir-se melhor quando deprimido; parar de se preocupar com problemas; ajudar a relaxar; manter-se bem em uma saída noturna; perder inibições; sentir-se drogado e intoxicado, entre outras.

Outros estudos, como os de Gasparini (2003) e Zeferino et al. (2015), apontam diferentes razões para o consumo, sendo assim espera-se encontrar diferentes motivações,

padrões de uso, e percepções dentro deste público. Isto porque, além de ser uma temática relativamente subjetiva, existem múltiplos discursos sobre o assunto, que perpassam toda a infância e juventude desses sujeitos. Esses discursos podem ser constituídos de diferentes significados. Alguns podem ser extremamente proibicionistas, já outros mais brandos e tendo um caráter mais alarmante ou informativo.

Considerando que os estudantes universitários são mencionados como um público de risco quando se fala em consumo de psicoativos lícitos ou ilícitos, esta pesquisa buscou elucidar a seguinte pergunta problema: quais as percepções de estudantes universitários sobre drogas lícitas e ilícitas e quais são seus padrões de uso? Para responder a esta pergunta objetivou-se analisar quais as percepções de estudantes universitários da Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS *Campus* Realeza e da Universidade Tecnológica Federal do Paraná - UTFPR *Campus* Francisco Beltrão sobre drogas lícitas e ilícitas. Como objetivos específicos foram elencadas as seguintes ações: conhecer quais as percepções de estudantes universitários sobre drogas lícitas e ilícitas; identificar possíveis usuários de substâncias lícitas ou ilícitas; mensurar qual é o padrão de consumo de substâncias lícitas e ilícitas entre os estudantes; entender quais são os fatores que levam o público universitário ao uso de substâncias psicoativas; identificar qual é a frequência do uso de substâncias psicoativas, entre os estudantes universitários; traçar o perfil do acadêmico que faz uso de drogas lícitas e ilícitas.

Para isso, primeiro são necessárias algumas considerações e contextualizações acerca do tema, as quais procuraram ser contempladas nos três primeiros capítulos deste trabalho. No segundo capítulo é traçada uma perspectiva histórica do uso de drogas, mostrando que este não é um fenômeno recente e está atrelado à história humana de múltiplas maneiras, sendo que o uso de psicoativos já ocorreu em diferentes culturas, nos mais variados períodos e com as mais variadas substâncias e objetivos.

Já no terceiro capítulo é abordado como o significado do termo “droga” é algo polissêmico e que sofre variações ao longo da história. Surgindo inicialmente para fazer referência a produtos derivados de plantas que tinham seu uso empregado na medicina ou na alimentação, como as chamadas “especiarias” que eram consideradas como drogas para aqueles que viviam nos séculos XVI e XVII até o significado que atribuímos atualmente para esse termo.

No quarto capítulo é apontada a relação do público universitário com essas substâncias (tanto lícitas quanto ilícitas) e como se dão as suas práticas de consumo. Para

isso são elencados diversos estudos realizados por variadas instituições de pesquisas. É importante dizer que de início nem todos os estudos utilizados fazem referência ao público universitário, mas optou-se por trazê-los para mostrar brevemente como se dá o uso dessas substâncias em outros contextos.

No quinto capítulo é apresentada a metodologia da pesquisa, bem como detalhes sobre a coleta de dados. Este capítulo traz também em sua subseção os resultados e análises da pesquisa. No sexto e último capítulo são apresentadas as considerações finais.

2 UM BREVE CONTEXTO HISTÓRICO

O consumo de substâncias psicoativas, também chamadas de “drogas”, é uma prática recorrente na história da humanidade, manifestando-se em diferentes culturas e sociedades humanas e ocorrendo em diferentes momentos da sua existência (SIMÕES, 2008, p. 13). A história nos mostra que diferentes culturas sempre utilizaram drogas.

Em épocas e em partes distintas do planeta as pessoas procuraram se intoxicar com o uso de drogas como o álcool, com psicoativos obtidos de plantas ou ainda outras substâncias de alteração de consciência (SIEGEL, 2005, p. 09). Exploradores do velho mundo, gregos antigos, herbalistas medievais, xamãs neolíticos, todos eles, em algum momento tiveram encontros acidentais ou não com algum tipo de droga (SIEGEL, 2005, p. 21).

Carneiro (2017) aponta que Ronald Siegel classificou quatro motivações básicas que nos movem, sendo elas: a fome, a sede, o desejo sexual e o desejo por drogas. Para Siegel (2005):

Esse comportamento (o uso de drogas) tem tanta força e persistência que funciona como um impulso, assim como nosso impulso de fome, sede, e sexo. Esse “quarto impulso” é uma parte natural da nossa biologia, criando uma irreprimível demanda por drogas. De certo modo, a guerra às drogas é uma guerra contra nós mesmos, uma negação da nossa própria natureza (SIEGEL, 2005, p. 09)¹.

As drogas excitam os sentidos humanos, ampliam a sua gama de sensações, renovam os prazeres, amenizam as dores (CARNEIRO, 2017, p. 25) e o consumo dessas substâncias se dá pelos mais diversos motivos, desde o uso para algum ritual até o medicinal, do uso cotidiano até o festivo e está carregado de significados simbólicos e identitários (CARNEIRO, 2009, p. 10). Atualmente a maioria das drogas passa por processos químicos para ser fabricada, o que por sua vez acaba por esconder que muitas delas são sintetizadas de plantas. E esta flora psicoativa tem uma atração quase evolutiva com os humanos e ao longo da nossa história o seu uso tem sido o resultado inevitável desses encontros (SIEGEL, 2005, p. 21).

O impulso vital que os psicoativos satisfazem é de uma natureza tão arraigada na interação humana, que o projeto de erradicação de algumas destas plantas

¹ This behavior has so much force and persistence that it functions like a drive, just like our drives of hunger, thirst, and sex. This “fourth drive” is a natural part of our biology, creating the irrepressible demand for drugs. In a sense, the war on drugs is a war against ourselves, a denial of our very nature (SIEGEL, 2005, p 09)

toma uma dimensão cada vez mais totalitária. As plantas e substâncias sintéticas psicoativas são um repertório das técnicas que a humanidade vêm forjando para poder intervir na sua própria subjetividade, no estado de humor, de atenção, de satisfação, de disposição, de relaxamento. São técnicas vitais milenares multiplicadas enormemente pelo desenvolvimento da farmacologia (CARNEIRO, 2017, p. 30).

Ainda, no que diz respeito às questões culturais: “O consumo de “drogas”, desde sempre, remeteu a várias esferas da vida humana, ligando-se a fenômenos religiosos, movimentos de construção (ou reconstrução) de identidades de minorias sociais, étnicas, geracionais, de gênero, ou ainda a produções estéticas” (GIL e FERREIRA, 2008, p. 11).

O consumo de plantas com ação psicoativa auxiliava o ser humano primitivo a tolerar as adversidades do ambiente onde vivia. Estimulantes como a folha de coca e o tabaco, amparavam os hominídeos a aguentar a fadiga e a fome (MOREIRA e RIBEIRO, 2015, p. 04). Essas substâncias sempre nos fascinaram e nos intrigaram, seja pela sua capacidade de curar, de matar ou ainda por seus poderes tranquilizantes, estimulantes, inebriantes ou alucinógenos. O uso de psicoativos deu ao ser humano sinais para ver, vozes para ouvir, pensamentos para refletir e estados de consciência alterados para explorar. Levando alguns a sentir-se em unidade com o seu ambiente, outros a adquirir uma melhor compreensão de si (SIEGEL, 2005, p. 23).

Em escavações arqueológicas realizadas na Grécia, foram encontrados bottons de barro e de marfim, datados do século VII a.C., que representavam a cápsula da papoula (DUARTE, 2005, p. 136). É dessa planta, mais especificamente da *Papaver somniferum*, que se obtêm outra substância psicoativa, o ópio (SILVEIRA e DOERING-SILVEIRA, 2018, p. 81). Foram encontradas evidências do cultivo de papoula datadas de 5.000 anos atrás, deixadas pelos sumérios. Esse povo inclusive a descreve em um ideograma como “planta da alegria”. Também já foram encontrados resquícios de ópio em uma tumba do Séc XV a.C. (DUARTE, 2005, p. 136).

Os turcos, juntamente com os árabes, introduziram o ópio na China por volta do século VIII, onde esta substância acabou por se tornar indispensável, tanto pelo seu uso recreativo e como fonte de prazer quanto também pelas suas propriedades terapêuticas. Sendo que se haviam diversas formas para se usar opiáceos, como pílulas, enemas e por uma tintura alcoólica chamada de laudano² (CARNEIRO, 2018, p. 89). Ainda segundo este

² Tintura alcoólica a base de ópio que possui efeito sedativo.

autor, na China este psicoativo era usado para ajudar na masculinidade, fortalecer o esperma e recuperar o vigor.

O ópio, juntamente com o vinho, estava entre uma das substâncias mais consumidas pelos egípcios. Além disso, é provável que a cerveja tenha sido produzida pela primeira vez na Mesopotâmia (MOREIRA e RIBEIRO, 2015, p. 07).

Para os egípcios, as substâncias psicoativas tinham finalidades médicas e profanas [...] Era um povo que conheciam os processos de fermentação das frutas pelo menos desde 3000a.C. [...] A mesopotâmia, localizada entre os rios Tigre e Eufrates foi ocupada sucessivamente pelos sumérios, babilônios e assírios. Foi provavelmente nessa região que a cerveja foi produzida pela primeira vez. Os mesopotâmios utilizavam praticamente as mesmas substâncias consumidas pelos egípcios e com os mesmos propósitos. (MOREIRA e RIBEIRO, 2015, p. 07).

O próprio vinho era muitas vezes representado como um deus, na figura do deus grego Dionísio, por exemplo, ou do latim Baco, como foi nomeado pelos romanos (SOUZA e CALVETE, 2017, p. 03). Ele não representava apenas o poder embriagador do vinho, mas também suas influências benéficas e sociais, de maneira que era tido como o promotor da civilização, legislador e amante da paz (BULFINCH, 2002, p. 14).

De acordo com Guarinello (2008), o vinho deixou marcas em várias culturas que existiram ao redor do Mediterrâneo, indo contra a “cultura da cerveja”. Esse mesmo autor ainda diz que na Turquia há evidências escritas entre 1600 e 1440 a.C, as quais dizem que o vinho era tratado de forma luxuosa, reservado para servir de oferenda aos deuses. Já as escritas mais antigas, datam de 1800 a.C. e provêm de Creta, onde foram encontrados jarros com ideogramas referentes à bebida (GUARINELLO, 2008, p. 190). A evidência mais antiga do consumo dessa bebida foi encontrada no planalto iraniano, cujas análises químicas encontraram resíduos em recipientes que revelaram a presença do vinho já há 4.000 anos a.C. (GUARINELLO, 1997, p. 275). Ainda segundo o mesmo autor:

O vinho criou, igualmente, o que poderíamos denominar de “civilização material”. Sendo responsável pela criação de recipientes de transporte, jarros de armazenamento, prensas cada vez mais sofisticadas, serviços de mesa complexos, tanto em cerâmica como em metais nobres ou em vidro, mobiliário, peças artísticas. O vinho incentivou, assim, o desenvolvimento de inúmeros ofícios artesanais. O ciclo econômico do vinho desdobrava-se numa variada gama de atividades paralelas, que incluía ofícios de oleiros, marceneiros, bronzistas, pintores mas também donos de embarcações e seus tripulantes, estivadores nos portos, atacadistas e retalhistas. Durante séculos o vinho foi assim, ao lado do trigo, um dos motores fundamentais da economia antiga (GUARINELLO, 2008, p. 194).

Segundo Carneiro (2018), as bebidas alcoólicas que por vários milênios eram apenas fermentadas e, na época moderna também as destiladas, são constituintes de um capítulo muito importante da vida social, econômica e cultural do mundo ocidental. Essas substâncias estão relacionadas às relações laborais, dinâmicas de lazer e de trabalho, à formação das classes sociais, à natureza política e de formação do Estado, até mesmo às normas e práticas de gênero, perpassando inclusive pelas definições de masculinidade.

Os hindus é outra nação que realizava o uso de psicoativos, porém, com finalidade religiosa, possuindo até um “deus-narcótico”, chamado Soma. Eles acreditavam que esta divindade era personificada em uma bebida de mesmo nome. Tal bebida possuía em sua composição um cogumelo chamado *Amanita muscaria* (MOREIRA e RIBEIRO, 2015, p. 08), que quando ingerido produz um efeito similar às intoxicações por álcool, podendo ser acompanhado por alucinações e efeitos psicodélicos (MOURA, 2008, p. 15).

Na Índia, se usava a *Datura stramonium*, popularmente denominada de trombeteira, também conhecida como o topete de Shiva, o deus da destruição. Utilizava-se de extratos líquidos para adormecer as vítimas de sacrifício. Prostitutas usavam da semente dessa planta para drogar seus clientes, fazendo-os perder o controle de sua vontade própria e de sua memória, o que permitia roubá-los (SIEGEL, 2005, p. 32).

Quando olhamos para o continente Americano, encontramos os incas, povo que possuía o hábito de mascar folhas de coca. O consumo dessa planta era considerado um presente já que os ajudava a suportar a fome e o cansaço. Os descendentes dos Astecas, localizados no atual México, acreditavam que a partir do consumo do peiote (uma espécie de cacto), conseguiam conversar com o chamado “Grande Espírito”. O cacto em questão é conhecido por ser rico em mescalina. Já as civilizações amazônicas realizavam o consumo da ayahuasca, uma bebida preparada a partir do cipó de jagube (MOREIRA e RIBEIRO, 2015, p. 10-11). Índios colombianos ofereciam bebidas feitas a partir dessa planta para escravos ou à esposa de algum marido ou mestre que já tivesse falecido e aproveitando-se do seu efeito, enterravam as vítimas junto com o falecido. Também se tinha a crença de que a *Datura* tinha muito a ensinar aos jovens, acreditava-se que uma intoxicação violenta acabaria com a memória da juventude, iniciando os meninos na masculinidade (SIEGEL, 2005, p. 32). Atualmente, existe a chamada doutrina do Santo Daime, a qual ainda faz o uso da ayahuasca em seus rituais religiosos. Ainda, quando se faz o uso de algum psicoativo com uma finalidade religiosa, opta-se por chamar a substância que será usada de

“enteógeno”. Esse termo vem do grego *entheos*, que significa “deus dentro” (SOUZA e CALVETE, 2017, p. 05).

Já o tabaco foi descrito botanicamente pela primeira vez em 1557, chegando a tornar-se parte de usos católicos, principalmente entre os jesuítas. Além disso, o plantio de tabaco foi uma das principais fontes econômicas de colônias inglesas na América, inclusive o parlamento inglês publicou uma lei no século XVI, na qual proclamava o tabaco como um dos produtos principais de várias de suas colônias (CARNEIRO, 2018, p. 68-77).

Segundo Carneiro (2005a), por volta do século XVI e XVII, quando ocorreram as grandes navegações, algumas das principais riquezas que se tinha interesse nas Américas e no Oriente eram as chamadas especiarias, tais como: a pimenta, noz moscada, canela, tabaco, pau-brasil e açúcar. Todos esses elementos eram também conhecidos como “drogas”, para aqueles que viviam nesta época.

Foram as plantas exóticas e as especiarias tão prezadas, que serviram de estímulo para os périplos da navegação. A existência de diferentes drogas nas diversas regiões da Terra foi a própria razão apresentada pelos homens daquele tempo para impulsionar o nascimento do comércio. [...] No Brasil, as duas drogas mais importantes para os dois primeiros séculos de colônia foram o pau-brasil e o açúcar (CARNEIRO, 2005a, p 12-13).

Nesse período as drogas tornaram-se mais relevantes, alcançando um significado mais sofisticado e também passaram a receber um valor comercial, servindo muitas vezes como moeda de troca (SOUZA e CALVETE, 2017, p. 06). No Brasil, por exemplo, o tabaco e a aguardente eram utilizados para comprar escravos africanos (CARNEIRO, 2005a, p. 17).

Por meio desses processos e da consolidação do mercantilismo que as drogas deixaram de ter apenas uma utilidade nas comunidades mais primitivas e ao mesmo tempo deixaram de ter um uso limitado, cultural e local para ter um uso social, espalhadas por todos os continentes. Conseqüentemente, acabou-se agregando um valor econômico, transformando-as em mercadoria. E é a partir do momento que se começa a disputar o domínio pela produção de drogas e o seu mercado, que se iniciam os primeiros conflitos relacionados a esta mercadoria (SOUZA e CALVETE, 2017, p. 06). Todavia:

As drogas, que já haviam conquistado seu papel no mercado, ainda se apresentavam de modo natural, no período mercantilista. No entanto, a partir do século XIX, o desenvolvimento da química destacou os alcalóides, possibilitando o isolamento e a extração das substâncias psicoativas das plantas naturais. A primeira delas foi a morfina [...] Em seguida, surgiu a diacetilmorfina, derivada da morfina, em 1874, registrada com o nome de

heroína, em 1898, pela indústria farmacêutica alemã Bayer (LIMA, 2009, p. 43-44 *apud* SOUZA E CALVETE, 2017, p. 10).

Também no campo da indústria farmacêutica, Silveira e Doering-Silveira (2018) destacam que:

Existem substâncias derivadas do ópio, que são chamadas de opiáceos, entre elas temos a morfina, a heroína e a codeína. E por mais que algumas dessas substâncias tenham uso na área médica, elas possuem um grande potencial de dependência. Além dos opiáceos, existem os chamados opióides (meperidina e metadona) que são substâncias sintetizadas em laboratórios. (SILVEIRA e DOERING-SILVEIRA, 2018, p. 81).

Talvez tão diverso e polissêmico quanto o uso de psicoativos ao longo da nossa história são as transformações que a expressão “droga” sofreu ao longo das épocas. Sua origem não é exata, mas inicialmente usavam-se variações do termo para fazer referência a recipientes utilizados para armazenar plantas medicinais e alimentícias. Posteriormente passam a ser conhecidas como as especiarias, integrando substâncias como a pimenta, a canela, a noz-moscada e outras. Até chegarmos na definição que atribuímos atualmente para a palavra “droga”, sendo que hoje em dia esse significado é muito mais baseado em princípios farmacológicos e médicos.

3 CONSIDERAÇÕES SOBRE O TERMO “DROGA” E SUAS CLASSIFICAÇÕES

Primeiramente é importante definir nosso entendimento a respeito do termo “droga”. Quando procuramos a palavra no dicionário Aurélio, nos deparamos com várias definições, sendo elas: “Toda substância usada com propósitos químicos, farmacêuticos, em tinturaria etc.”; “Substância que causa alucinações e pode levar à dependência física ou psicológica; narcótico, entorpecente: tráfico de drogas”. Já na linguagem coloquial e informal, o termo “droga” costuma ser utilizado para se referir à algo de péssima qualidade, comida de gosto desagradável ou ruim, insignificante, por exemplo: este suco está uma droga; o filme é uma droga. O que abre caminho para diferentes interpretações acerca do termo.

De acordo com Carneiro (2005a), antes de usarmos esse termo para designarmos produtos farmacológicos, ele era usado para representar uma variedade de bens de consumo exóticos e de luxo, que além de possuírem um valor de uso médico, também eram usados como condimento em alimentos, as quais posteriormente seriam definidas como especiarias.

Existem também os chamados “alimento-droga”, que são aqueles que podem ou não matar a fome, mas em especial, nutrem o espírito. São aqueles alimentos que possuem alguma propriedade psicoativa, como o café, o álcool, ou ainda a mescalina que é encontrada em alguns cactos (CARNEIRO, 2005b, p. 74). Ainda com relação a esses alimentos:

Todos (os alimentos-drogas) foram considerados alimentos sagrados e divinizados em diversas religiões. Os mais difundidos foram os fermentados alcoólicos de grãos ou de frutas, que continuam sendo, na forma das bebidas alcoólicas, os principais alimentos-drogas no mundo. A origem dos fermentados (cervejas e vinhos) perde-se no tempo (CARNEIRO, 2005b, p.74).

O próprio vinho é uma bebida sagrada no Cristianismo e representa a imagem do sangue de Cristo. Esta é uma das drogas de devoção mais tradicionais do mundo mediterrâneo (CARNEIRO, 2005b, p. 72). Ainda houve épocas em que não ocorria essa divisão clara, entre o que era considerado alimento e o que poderia ser considerado droga.

Muitas culturas não fazem uma clara distinção entre alimento e remédio. Assim como um ocidental pode beber chá tanto como uma bebida agradável como para acalmar um estômago embrulhado, povos indígenas valorizam alguns alimentos tanto por suas qualidades medicinais como pelas nutritivas (BALICK & COX, 1997, p.71 apud CARNEIRO, 2005a, p.14)

Como já mencionado, esse mesmo autor também nos diz que as conhecidas especiarias, tais como pimenta, canela, açúcar, tabaco eram denominadas “drogas” por aqueles que viviam entre os séculos XVI e XVII. Segundo Adaila (2011), do século XV até o século XIX, produtos vegetais que eram utilizados na manufatura, em práticas curativas ou ainda na alimentação, eram considerados drogas. E a partir do século XIX, essas substâncias começaram a ser aperfeiçoadas devido à capacidade de isolar seus princípios ativos, o que acabou permitindo uma dosificação mais precisa e com uma maior intensidade (CARNEIRO, 2018, p. 20).

As drogas usadas para fins de cura eram chamadas drogas medicinais, e por derivação da palavra droga formou-se a palavra drogaria, que significava inicialmente uma coleção de drogas, passando em seguida a designar o local onde se guardavam as drogas e, finalmente, o comércio de drogas (ADAILA, 2011, p. 02).

Para Carneiro (2005a), o termo “droga” tem sua provável origem entre os séculos XVI e XVII e deriva do termo holandês *droog*, o qual era usado para designar um conjunto de substâncias naturais usadas na medicina e na alimentação (CARNEIRO, 2005, p. 12). Para Adiala (2011), o termo também pode ter sido derivado da expressão alemã *droghe vate*, a qual era usada para designar o recipiente onde eram guardadas folhas secas. Ainda de acordo com Alarcon e Jorge (2012), o termo expandiu durante as grandes navegações e tratavam-se de produtos de origem vegetal como o cânhamo, o ópio, a pimenta, a canela e outros, cujo plantio só era possível em lugares com clima diferenciado daquele encontrado na Europa. Ainda com relação a isso, Carneiro (2005a) traz a seguinte passagem:

Foram as plantas exóticas, as especiarias tão prezadas, o estímulo para os périplos da navegação. A existência de diferentes drogas nas diversas regiões da Terra, foi a própria razão apresentada pelos homens daquele tempo para impulsionar o nascimento do comércio. Assim se expressava, por exemplo, Gaspar Barléu [...] “Admira-se nisto a sabedoria de Deus: quis que nascessem as drogas quentes nas regiões tórridas, e as frias nas regiões frígidas, sem dúvida para que, trocando-se os produtos necessários aos homens, se aproximam os povos, obrigados pela míngua comum a tornarem-se amigos” (BARLÉU, 1974, p.8, *apud* CARNEIRO, 2005a, p.12).

Alarcon e Jorge (2012) dizem que estes produtos, também chamados de especiarias, representam apenas uma parte dessas mercadorias. O termo “droga” ao longo do tempo teve seu significado alterado, passando a designar todas as substâncias que possuem ação farmacológica, ou seja com a capacidade de modificar as funções de um organismo, quando ingerida (ALARCON e JORGE, 2012, p. 103).

O significado de droga é historicamente polissêmico, tendo sido utilizado, tanto para aquilo que se ingere como alimentos quanto para o que se ingere como não alimento e até em algum instante, para substâncias absolutamente indigestas [...]. Com o tempo o significado do termo foi variando levemente, até que finalmente, na era das ciências positivas, passou-se a designar pelo termo droga todas substância utilizada em farmácia e com ação farmacológica, ou seja, capazes de, quando introduzidas a um organismo, modificar-lhes as funções (ALARCON E JORGE, 2012, p. 103-104).

Foi justamente a existência de tantas plantas exóticas, especiarias e outras drogas ao redor do globo que impulsionou o início das grandes navegações e por sua vez, o surgimento do comércio (CARNEIRO, 2005, p 12-13).

Atualmente, a Organização Mundial da Saúde (OMS) classifica drogas como: qualquer substância que não é produzida pelo organismo e que tem a capacidade de atuar sobre um ou mais sistemas do corpo humano. Ainda sobre a denominação das drogas:

Entre as drogas, há as psicoativas ou psicotrópicas, que têm como característica principal a ação sobre o funcionamento do cérebro. Hoje, o termo “drogas” pode se referir tanto a seu sentido farmacológico, muito mais amplo, quanto a um conjunto bem mais restrito, ainda que flexível, de substâncias psicoativas, notadamente as ilícitas (FIORE, 2012, p. 10).

Ou ainda:

As drogas utilizadas para alterar o funcionamento cerebral, causando modificações no estado mental são chamadas drogas psicotrópicas. A terminologia psicotrópica é formada por duas palavras: psico e trópico. Psico está relacionado ao psiquismo, envolvendo as funções do sistema nervoso central (CARVALHO, 2011, p. 03).

Para Alarcon e Jorge (2012) as drogas psicoativas e psicotrópicas podem ser classificadas em três grupos. Em um primeiro grupo temos drogas como o álcool, opiáceos, soníferos, ansiolíticos, morfina (também derivados como a heroína), solventes, entre outros. São substâncias capazes de diminuir ou deprimir a atividade cerebral e por este motivo são chamadas de drogas depressoras do SNC (Sistema Nervoso Central). Carlini et al. (2001), dizem que as drogas depressoras do SNC, são aquelas que fazem com que seu funcionamento se torne mais lento, causando sonolência e lentidão. Essas substâncias diminuem a concentração, a atenção e a capacidade intelectual (SILVEIRA e DOERING-SILVEIRA, 2018, p. 70).

No segundo grupo estão substâncias psicotrópicas estimulantes, ou seja, aquelas que aumentam a atividade cerebral. Tais como cocaína, anfetaminas e o tabaco. E no terceiro grupo estão as chamadas drogas perturbadoras do SNC, as quais são substâncias

que modificam o funcionamento cerebral, como a psilocibina (cogumelos), mescalina (peíote) e o THC (maconha) (ALARCON E JORGE, 2012, p. 104-105).

Além de poderem ser classificadas de acordo com sua ação farmacológica no SNC do usuário, Alarcon e Jorge (2012) apontam outras duas possíveis categorizações. Quanto à origem (se sintética ou natural) e quanto ao estatuto jurídico (lícita ou ilícita). Com base nessas três categorias, no livro *Álcool e outras drogas: diálogos sobre um mal estar contemporâneo*, os autores constroem os seguintes quadros referentes a classificação de psicoativos de acordo com sua origem:

Drogas	Depressoras	Estimulantes	Perturbadoras
Naturais	<ul style="list-style-type: none"> ○ Álcool ○ Opiáceos 	<ul style="list-style-type: none"> ○ Cocaína ○ Cafeína ○ Nicotina 	<ul style="list-style-type: none"> ○ Maconha ○ Ayahuasca ○ Cogumelos
Sintéticas	<ul style="list-style-type: none"> ○ Ansiolíticos/Sedativos ○ Inalantes 	<ul style="list-style-type: none"> ○ Anfetaminas 	<ul style="list-style-type: none"> ○ LSD ○ Ecstasy

Quadro 1 - classificação segundo a origem (ALARCON E JORGE, 2012, p. 105).

Lícita	Ilícita
<ul style="list-style-type: none"> ○ Álcool ○ Tabaco ○ Cafeína ○ Solventes 	<ul style="list-style-type: none"> ○ Cocaína ○ Maconha ○ MDMA ○ Heroína ○ LSD

Quadro 2 - classificação de acordo com o estatuto jurídico (ALARCON E JORGE, 2012 p. 105).

Contudo, algumas vezes, essas classificações não fazem jus ao verdadeiro dano ou potencial de dano que determinada substância pode causar. Para Carneiro (2018), por exemplo, a classificação entre lícito e ilícito não obedece um critério objetivo quando se fala em toxicidade ou potencial de dependência de uma determinada substância.

Peguemos como exemplo o álcool e a maconha. Ao cruzarmos a primeira substância com as tabelas mostradas acima, podemos dizer que o álcool é uma droga depressora do SNC, lícita e obtida a partir da fermentação de outras substâncias (de origem natural). Já a maconha, apesar de também ser de origem natural, é uma substância perturbadora do SNC e ilícita. Em um primeiro momento, pode-se pensar que a maconha por ser considerada ilícita causa mais dano ao usuário e às pessoas o seu redor. Entretanto, Silveira e Doering-Silveira (2018) trazem um gráfico construído a partir de um estudo realizado por David Nutt (2006), o qual buscou pontuar os danos (de 0 a 100) que

determinadas substâncias causam ao seu usuário (como câncer de pulmão, no caso do cigarro) e as pessoas do seu círculo social (como acidentes de trânsito provocados pelo álcool). A partir disso, foi apresentado o seguinte gráfico:

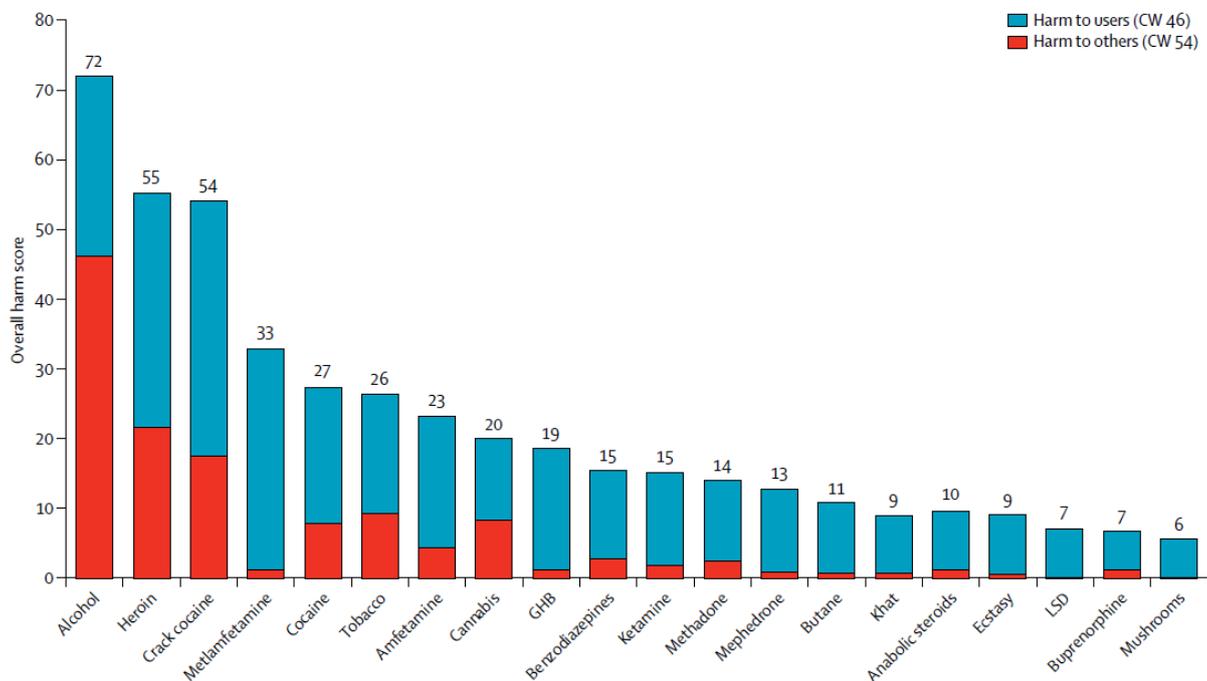


Figura 1 - ranking de pontuação de danos de substâncias psicoativas. (David Nutt, 2006, p. 1561).

Nota-se na tabela acima que o álcool tem uma *score* acima dos 70 pontos quando se fala em danos totais, chegando próximo dos 50 pontos quando o foco é o dano causado aos outros. A maconha, por sua vez, ultrapassa um pouco 20 pontos quando se fala em dano geral e pouco mais de 10 pontos quando foca-se no dano causado a terceiros. E mesmo com essa diferença de pontuação, a substância menos nociva é considerada ilegal, enquanto a outra, a qual ocupa a primeira posição no Ranking de David Nutt é legalizada e seu consumo muitas vezes é incentivado socialmente.

Silveira e Doering-Silveira (2018) elencam vários questionamentos em seu trabalho “Classificação das substâncias psicoativas e seus efeitos” referentes a essas categorizações. Alguns deles são: “as drogas proibidas são mais perigosas?”; “Existem drogas seguras e inofensivas, que não causam nenhum problema?”; “As substâncias ilegais são mais perigosas do que as legalizadas?”; “Existem drogas leves e drogas pesadas?”. Segundo os autores, as respostas para todas essas perguntas convergem para o mesmo ponto, que é: depende.

Mas depende do que, exatamente? De vários motivos, como da dosagem utilizada, da substância; do local, do usuário, do método utilizado na ingestão/aplicação do

psicoativo. Como exemplo, existem pessoas que são dependentes do álcool, que não conseguem fazer um uso moderado e “saúdável” dessa substância. Assim como também existem aquelas pessoas que fazem o seu uso ocasionalmente, nunca tornando-se dependentes do mesmo. Para as pessoas do primeiro grupo, o álcool é uma droga extremamente pesada e perigosa, já para as do segundo é um produto relativamente inofensivo (SILVEIRA e DOERING-SILVEIRA, 2018, p. 72).

Outro exemplo é apontado por Carlini et al. (2001), em relação ao cloridrato de cocaína e seus derivados. A Cocaína é uma droga estimulante do SNC, que é extraída de uma planta chamada *Erythroxylon coca*. Também são derivados dessa planta (porém preparados de formas diferentes) o crack e a merla. Diferentes da cocaína, que é solúvel em água e distribuída em forma de pó permitindo com que seja “cheirada”, as duas últimas substâncias são apresentadas em forma de cristais (pedra) e de pasta respectivamente, o que faz que o seu modo de uso seja diferente, sendo necessário que ocorra a partir da queima desses psicoativos em cachimbos. A via de uso acarreta potenciais de dano diferentes. O crack, por exemplo, é fumado, chega aos pulmões (órgãos extremamente vascularizados) e é amplamente absorvido, caindo quase instantaneamente na circulação do SNC. Isso faz com que seus efeitos apareçam rapidamente, entre 10 e 15 segundos após o uso. Contudo, seus efeitos somem tão rapidamente quanto aparecem, cerca de 5 minutos após a aplicação. Isso faz com que o usuário faça uma nova utilização do produto basicamente a cada 5 minutos, o que aumenta consideravelmente seu potencial de dano e de vício. Diferente da cocaína, que tem seus primeiros efeitos no organismo entre 10 e 15 minutos após o uso, mas com uma duração mais prolongada, podendo chegar a 45 minutos (CARLINI, 2001, p. 8).

Ainda com relação a estes riscos, Silveira e Doering-Silveira (2018) afirmam que:

Os riscos relacionados ao consumo de drogas dependem mais da maneira e das circunstâncias em que elas são usadas do que do tipo de droga utilizada. Mesmo para os dependentes, os riscos parecem estar mais relacionados ao grau de dependência do que ao tipo de droga ou ao fato de ela ser lícita ou ilícita. A morfina, substância legalizada cujos efeitos são muito semelhantes aos da heroína, costuma ser frequentemente utilizada sem que necessariamente seus usuários se tornem dependentes (no caso do uso medicinal). [...]. Outro fator que influencia de forma considerável os riscos e prejuízos relacionados ao consumo de drogas é a pureza do que está sendo consumido. Nesse sentido, dentro do contexto proibicionista, as substâncias ilícitas são adulteradas pela adição de vários produtos que frequentemente oferecem muito mais riscos à saúde do que a droga em si. [...]. Na época da Lei Seca Americana em que o álcool era proibido, estima-se que milhares de usuários de álcool tenham ficado cegos por consumir álcool adulterado (álcool metílico usado como produto de limpeza) (SILVEIRA e DOERING-SILVEIRA, p. 72-73, 2018).

De acordo com Poiares (1999), nos últimos dois séculos, as drogas assumiram uma tríplice dimensão em nossa sociedade: a de mercadoria, que a torna objeto de relações jurídico-econômicas e fiscais; a lúdica e a terapêutica, em que funciona como meio de desinibição e fomenta o convívio social, ainda, podendo servir em algum tratamento médico, e enfim, enquanto objeto e causa da criminalidade, sendo que é nesta última perspectiva que se tem sobrelevado o discurso sobre essa temática a partir da segunda metade do século (POIARES, 1999, p. 04).

Em paralelo com estes autores, Carneiro (2018) diz que após a proibição das drogas foram criados três circuitos diferentes de circulação, o das drogas ilícitas, das lícitas medicinais e das lícitas recreativas. Esta divisão deveria ser baseada nos danos que cada droga pode causar ao organismo, mas ainda de acordo com este autor e como já exemplificado, na prática nem sempre é este o critério utilizado (CARNEIRO, 2018, p 19).

Por fim, pode-se dizer que o uso das chamadas “drogas” possuem profundas raízes na história da civilização humana. Estando presente e diretamente relacionada com a cultura de muitos povos. E ao longo do seu percurso histórico foram produzidos discursos político-jurídicos que acabam lhe preenchendo com concepções penais (POIARES, 1999, p.02) e ocasionam discursos morais acerca do uso das drogas, sem esmiuçar as especificidades relacionadas às suas práticas de consumo.

4 CONSUMO DE SUBSTÂNCIAS PSICOATIVAS E SUA RELAÇÃO COM O PÚBLICO UNIVERSITÁRIO

Como já mencionado, a história da humanidade está repleta de registros do uso de substâncias comumente conhecidas como drogas, possuindo os mais variados motivos, passando do religioso até mesmo ao artístico. Sua ocorrência é descrita como um fenômeno cultural, perpassando por todas as sociedades humanas (GASPARINO, 2003, p. 37). Não existem razões para supor que as pessoas irão deixar de consumir estas substâncias. Devido a isso, é crucial que se entenda a interpretação que os sujeitos dão a essa experiência, o motivo que os levam ao consumo repetido, incluindo as razões que fazem considerar o seu uso importante ou até mesmo indispensável para a satisfação de suas necessidades (SIMÕES, 2008, p. 16). O fato é que, drogas sempre existiram e irão continuar existindo, está é uma realidade comprovada historicamente (MOREIRA E RIBEIRO, 2015, p. 20).

É importante dizer que toda droga psicoativa legalizada ou não, tem um grande potencial para levar à dependência ou para causar um dano, seja ele mental ou fisiológico. Além do que, boa parte dessas substâncias são bastante tóxicas, o que por si só, gera um grande número de mortes anualmente. Outro ponto importante é que o sujeito pode consumi-las (novamente, seja a substância lícita ou ilícita) de maneira abusiva, o que pode levar a comportamentos perigosos, como também acarretar em graves quadros de dependência. É interessante salientar que entre os psicoativos legalizados e sem uma finalidade médica, os mais consumidos são: o álcool, os estimulantes (energéticos, chás e café) e o tabaco. Mesmo amplamente consumidos estes têm sua comercialização controlada. Agora, quando se fala em psicoativos ilícitos, que também são consumidos por milhões de pessoas ao redor do mundo, não se tem um controle do Estado. Este se limita a pedir ou até mesmo obrigar (por meio da repressão) que seus cidadãos se mantenham distantes, para que assim não coloquem a si mesmo e a sociedade em “situação de risco” (FIORE, 2012, p. 12). É este caráter ilegal e este viés de ameaça à saúde, à ordem pública, à família e à juventude, que vem, em grande parte, organizando as discussões sobre a temática. A partir desta visão, tende-se a significar este assunto como um problema que poderia ser eliminado por meio da proibição e da repressão (SIMÕES, 2008, p. 14).

Estudos recentes têm demonstrado que o que leva muitos dos jovens a consumirem algum psicoativo é a curiosidade. E permanecem no uso pelo prazer que a droga proporciona e também por acreditarem, pelo menos em um primeiro momento, que este uso não lhes trará prejuízos. Muitos desses jovens têm seu primeiro contato com as drogas

ao ingressarem na vida universitária. Em certa medida por se tratar de um período no qual eles vivenciam uma gama de experiências. Por este motivo, este é um momento crítico e de maior vulnerabilidade para o início e a continuidade do uso de substâncias psicoativas (LAIKOVSKI, 2015, p. 02).

Além disso, deve-se ter um cuidado maior com aquelas drogas ditas lícitas, isso porque possuem todo um aparato jurídico que protege seu consumo e fabricação. (FERNANDEZ e tal, 2017, p. 505). De acordo com Fernandez et al. (2017), o consumo desses psicoativos abrange jovens, adultos e idosos e está distribuído tanto em espaços conhecidos por serem de classes mais baixas, como também em locais conhecidos por serem de classe alta. Porém, no que diz respeito à população jovem, cabe considerar que independente das condições financeiras, se tem o consumo.

Vale ressaltar que para fugir de interpretações com diferentes significados toda vez que for usada a terminologia “droga” neste trabalho, será no sentido moderno do termo. O mesmo é utilizado pela Organização Mundial da Saúde (OMS), a qual classifica drogas como: qualquer substância que não é produzida pelo organismo e que tem a capacidade de atuar sobre um ou mais sistemas do corpo humano. Existem vários termos que podem ser utilizados para nos referirmos às drogas, porém, para esta pesquisa, optou-se por este termo e definição, já que este possui um viés mais didático.

Em se tratando do uso de drogas, um relatório elaborado pela UNODC (*United Nations Office on Drugs and Crime*) conhecido como *World Drug Report* aponta que cerca de 5.6% da população mundial, com idade entre 15 e 64 anos, fez uso de algum tipo de droga durante o ano de 2016, esse número corresponde a aproximadamente 275 milhões de pessoas. Além disso, cerca de 192 milhões de pessoas fizeram o uso de *Cannabis* no ano de 2016; 18 milhões de cocaína; 34 milhões de opioides; 19 milhões de opiáceos³ e 21 milhões de ecstasy.

No Brasil, um dos estudos que podemos usar como referência é o II Levantamento Nacional de Álcool e Drogas (LENAD)⁴ realizado pela Universidade de São Paulo, que nos mostra que no ano de 2012, 50% da população com mais de 18 anos realizava o consumo de álcool, sendo que dentro desse grupo 62% são homens e 58% mulheres e 59% desse total, experimentou alguma bebida alcoólica antes dos 18 anos.

³ Opiáceos são substâncias presentes na papoula, que agem como depressores do SNC, já opióides são produtos sintéticos com estrutura química diferente, mas ação similar.

⁴ Disponível em: <https://inpad.org.br/wp-content/uploads/2014/03/Lenad-II-Relat%C3%B3rio.pdf>

Com relação ao tabaco, no ano de 2012 16,9% dos brasileiros faziam o uso. Sendo que, quando se olha para o total de habitantes do nosso país, 21,4% dos homens e 12,8% das mulheres se declararam fumantes. Já a média de idade para o primeiro uso de cigarro é de 16,5 anos e quando se fala em uso regular de cigarro, a idade média é de 17,3 anos.

Tratando-se do uso de substâncias ilícitas, o referido estudo traz uma divisão entre população adulta e população de adolescentes. Primeiro será abordado o uso de ilícitos entre maiores de 18 anos, posteriormente o outro grupo.

A substância ilícita com maior uso entre os brasileiros é a maconha, sendo que 5,8% da população adulta declarou ter usado alguma vez na vida, esse total representa 7,8 milhões de brasileiros. Já o uso de cocaína prevalece em 3,8% da população de adultos, um total de 5 milhões de pessoas, e 1,7% ou 2 milhões de adultos brasileiros disseram ter feito o uso dessa substância ao menos uma vez nos últimos 12 meses. Com relação ao uso de crack⁵, 0,7% da população adulta brasileira consumiu o mesmo nos últimos 12 meses, quando se fala em uso em algum momento da vida, tem-se um total de 1,3%.

Agora, tratando-se da população menor de 18 anos, o estudo traz que 4,3% ou 597 mil indivíduos fizeram o uso de *Cannabis* ao menos uma vez na vida e 3,4% dos adolescentes declararam tê-la usado nos últimos 12 meses anteriores à pesquisa. Já sobre a cocaína, 2,3% dizem ter usado ao menos uma vez na vida e 1,6% nos últimos 12 meses, o que representaria cerca de 225 mil adolescentes.

Com relação ao crack, o estudo mensura apenas adolescentes com idade entre 14 e 17 anos, sendo que a prevalência de uso de crack ao menos uma vez da vida é de 0,8% e nos últimos 12 meses de 0,1%.

Outra pesquisa, porém realizada pela FIOCRUZ (Fundação Oswaldo Cruz) em parceria com o SENAD (Secretaria Nacional de Políticas sobre Drogas) o III LNUD (Levantamento Nacional de Uso de Drogas pela população Brasileira)⁶ realizado em 2017 nas 108 maiores cidades do país e que analisou pessoas com idade entre 12 e 65 anos, constatou que 30,1% da população brasileira consumiu álcool nos últimos 30 dias, algo equivalente a 46 milhões de brasileiros. Quando se trata do uso dessa substância nos últimos 12 meses, o total é de 43,1% da população. Ainda sobre o álcool, o estudo aponta que 66,4% da população brasileira já o consumiu pelo menos uma vez na vida.

⁵ Vale ressaltar que por se tratar de um estudo probabilístico domiciliar a população de rua não foi contemplada na amostra da pesquisa do II LENAD.

⁶ Disponível em: https://www.arca.fiocruz.br/bitstream/icict/34614/4/III%20LNUD%20Suplemento_II.pdf

Quando diferenciamos por gênero, obtém-se o dado de que 74,3% dos homens entrevistados já consumiram álcool ao menos uma vez na vida, 51,6% nos últimos 12 meses e 38,8% nos últimos 30 dias. Já com relação às mulheres, 59% diz ter feito o uso desse psicoativo ao menos uma vez na vida, 35% nos últimos 12 meses e 21,9% nos últimos 30 dias. Levando em consideração todos os indivíduos que fizeram uso de alguma bebida alcoólica ao menos uma vez na vida (101 milhões de indivíduos), é apontado no estudo que a idade média para o início de consumo entre homens é de 15,7 anos e para mulheres 17,1 anos.

Com relação ao cigarro industrializado, cerca de 33,5% da população amostral diz ter consumido cigarro durante a vida, 15,4% nos últimos 12 meses e 13,6% nos últimos 30 dias. Esses valores correspondem respectivamente a 51,280 milhões, 23,496 milhões e 20,820 milhões de indivíduos.

Separando-se por gênero, 38,9% dos homens consumiram cigarro ao menos uma vez na vida, 18,4 nos últimos 12 meses e 16,2 nos últimos 30 dias. Já entre as mulheres, 28,4% já fizeram o consumo durante a vida, 12,5% nos últimos 12 meses e 10,4% nos últimos 30 dias. Olhando para a faixa etária, a pesquisa aponta que 6,3% dos adolescentes com idade entre 12 e 17 anos consumiram cigarro ao menos uma vez na vida, 3,8% nos últimos 12 meses e 2,4% nos últimos 30 dias. Entre todos os indivíduos que já consumiram cigarro ao menos uma vez na vida, a idade média para primeiro consumo é de 15.1 anos para os homens e 14.9 anos para as mulheres.

Quando se trata de substâncias ilícitas, o estudo traz que 9,9% dos indivíduos entrevistados disseram ter feito o uso de alguma substância ao menos uma vez na vida, 3,2% nos últimos 12 meses e 1,7% nos últimos trinta dias. Essas porcentagens significam respectivamente 15.197 milhões, 4.906 milhões e 2.566 milhões de brasileiros. Quando analisado o uso de algum psicoativo ilícito ao menos uma vez na vida, 15% dos homens e 5,2% das mulheres declararam tê-lo feito.

Dentro desse grupo, as que tiveram a maior prevalência de consumo ao menos uma vez na vida foram respectivamente: a maconha, a cocaína, os solventes e o crack e similares. Nas outras duas variáveis, o uso nos últimos 12 meses e nos últimos 30 dias, os mais consumidos foram a maconha, a cocaína, o crack e seus similares e por fim os solventes.

Falando em dados quantitativos, o estudo mostra que 7,7% da população da pesquisa já fez consumo de maconha ao menos uma vez na vida, 1,5% nos últimos 12

meses e 1,5% nos últimos 30 dias. Já com a cocaína, é mostrado que 3,1% fez o uso em algum momento da vida, 0,9% nos últimos 12 meses e 0,3% nos últimos 30 dias. Com relação ao crack e seus similares, 0,9% consumiu ao menos uma vez na vida, 0,3% nos últimos 12 meses e 0,1% nos últimos 30 dias. Por fim é indicado que o uso de solventes foi feito por 2,8% da população ao menos uma vez na vida, 0,2% nos últimos 12 meses e 0,1% nos últimos 30 dias.

A pesquisa ainda traz dados sobre diversas outras substâncias, como é apresentado na figura a seguir (figura 02):

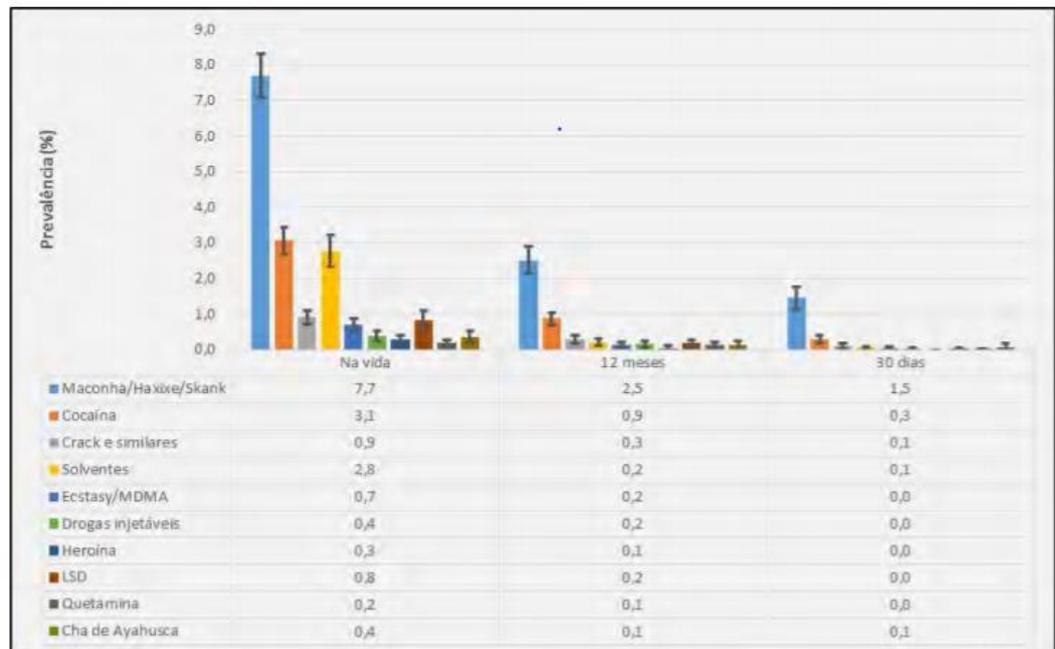


Figura 02 - Imagem retirada do III LNUD, realizada pela Fiocruz. As prevalências (%) são referentes o total da população da pesquisa. Índice de confiança de 95%.

Já com relação ao primeiro consumo de alguma substância ilícita, dos aproximados 15 milhões de indivíduos que declararam ter feito o uso pelo menos uma vez na vida, a idade média é de 16.6 anos, sendo que não existe uma diferença estatística significativa entre o consumo de homens e mulheres.

Outro estudo elucidativo é o VI Levantamento Nacional sobre o Consumo de Psicotrópicos entre estudantes do Ensino Fundamental e Médio⁷, realizado pelo SENAD em parceria com o CEBRID (Centro Brasileiro de Informações Sobre Drogas Psicotrópicas), o qual foi realizado com estudantes das 26 capitais brasileiras e Distrito Federal. Vale ressaltar que a pesquisa foi realizada em um total de 8.985 escolas, sendo

⁷ Disponível em: <https://www.cebrid.com.br/vi-levantamento-estudantes-2010/>

que 5.762 eram estabelecimentos públicos e 3.223 privados. Além disso, a amostra total foi de 50.890 estudantes.

É apontado que 24,2% dos estudantes de ensino fundamental e médio da rede pública já usaram algum tipo de psicoativo ao menos uma vez na vida, nas escolas particulares esse valor é de 30,2%. Com relação ao uso nos últimos 12 meses, tem-se um total de 9,9% e 13,6% nas redes públicas e privadas, respectivamente. Já o uso nos últimos 30 dias foi de 5,3% nas escolas públicas e 6,2% nas escolas privadas.

Acerca dos estudantes de escola pública, 59,3% disseram já ter usado álcool ao menos uma vez na vida, 41,1% nos últimos 12 meses e 5,3% nos últimos 30 dias. Já sobre o uso de tabaco, constata-se que 17,9% já fizeram o uso pelo menos uma vez na vida, 9,8% nos últimos 12 meses e 5,3% nos últimos 30 dias. Olhando para as drogas ilícitas, é apontado que 24,2% fizeram o uso ao menos uma vez na vida, 9,9% nos últimos 12 meses e 5,3% nos último 30 dias. As duas substâncias mais consumidas foram os solventes e a maconha, com 8,1% e 5,8% de uso ao menos uma vez na vida, 4,9% e 3,7% nos últimos 12 meses e 2,2% e 1,2% nos últimos 30 dias.

Quando olhamos para as escolas de rede privada, os dados apresentam que 65% já fizeram uso de álcool ao menos uma vez na vida, 47,5% nos últimos 12 meses e 23% nos últimos 30 dias. Para o tabaco é exposto um total de 13,1% para o uso ao menos uma vez na vida, 8,7% nos últimos 12 meses e 4,3% nos últimos 30 dias. Para o uso de qualquer droga ilícita, é apresentado um total de 30,2% de uso ao menos uma vez na vida, 13,6% de uso nos últimos 12 meses e 4,3% nos últimos 30 dias. As substâncias mais consumidas foram os solventes com 10,9% de prevalência de uso ao menos uma vez na vida, 6,3% nos últimos 12 meses e 2,2% nos últimos 30 dias. Em segundo lugar estão os ansiolíticos com 7,9% de uso ao menos uma vez na vida, 4,6% nos últimos 12 meses e 1,9% nos últimos 30 dias.

Com relação ao público universitário, tem-se o I Levantamento Nacional Sobre o Uso de Álcool, Tabaco e Outras Drogas entre Universitários⁸ das 27 Capitais Brasileiras, realizada em 2009 pelo SENAD em parceria com o GREA/FMUSP (Grupo Interdisciplinar de Estudos de Álcool e Drogas da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo) que pesquisou o total de 12.711 universitários, entre instituições públicas e privadas. Os dados apresentam que 86,2% já fez uso de álcool ao menos uma vez na vida, 72% nos

⁸ Disponível em: <http://www.cisa.org.br/userfiles/ILevantamentoNacionalUniversitario.pdf>

últimos 12 meses e 60,5% nos últimos 30 dias. Já para produtos de tabaco, 46,7% de uso na vida, 27,8% nos últimos 12 meses e 21,6% nos últimos 30 dias.

O estudo ainda mostra que com relação ao uso de drogas ilícitas, 48,7% diz ter feito o uso ao menos uma vez na vida, 35,8% nos últimos 12 meses e 25,9% nos últimos 30 dias. Ainda, o psicoativo ilícito mais consumido foi a maconha com prevalência de uso durante a vida de 26,1%, nos últimos 12 meses de 13,8% e nos últimos 30 dias de 9,1%. Vale ressaltar que o segundo psicoativo mais consumido foram os solventes, com uma prevalência de 20,4% de uso ao menos uma vez na vida. Contudo, quando se olha para as outras duas divisões, o psicoativo mais consumido são os anfetamínicos, com um total de 10,5% de prevalência de uso nos últimos 12 meses e 8,7% nos últimos 30 dias.

Essa pesquisa ainda traz dados sobre o uso de drogas em instituições públicas e privadas. Entre os estudantes de instituições públicas, 88% já fez uso de álcool ao menos uma vez na vida, 75% nos últimos 12 meses e 61,1% nos últimos 30 dias. Sobre o uso de tabacos e derivados, 35,6% fez uso ao menos uma vez na vida, 19,6% nos últimos 12 meses e 13,2% nos últimos 30 dias. Sobre as drogas ilícitas, um total de 36,5% já fez uso de algum ilícito ao menos uma vez na vida, 27,2% nos últimos 12 meses e 16,1% nos últimos 30 dias.

Nas instituições privadas, o uso de álcool destacou-se com consumo de ao menos uma vez na vida de 85,7%, o uso nos últimos 12 meses foi de 71,2% e nos últimos 30 dias de 60,3%. A prevalência de uso de tabacos e derivados é de 49,7% ao menos uma vez na vida, 29,9% nos últimos 12 meses e 23,7% nos últimos 30 dias. Para o uso de drogas ilícitas, o total foi de 52% ao menos uma vez na vida, 37,9% nos últimos 12 meses e 28,4% nos últimos 30 dias.

Neste levantamento são apontados vários outros dados sobre diferentes substâncias psicoativas. A figura 3 nos mostra a prevalência de uso de todas as substâncias indicadas no estudo. Já a figura 4 traz essa mesma informação, mas separando entre instituições públicas e privadas.

Substância Psicotrópica/ Medida de uso	Uso na vida (%)	Uso nos últimos 12 meses (%)	Uso nos últimos 30 dias (%)
Álcool	86,2	72	60,5
Produtos de Tabaco	46,7	27,8	21,6
Uso de Drogas Ilícitas	48,7	35,8	25,9
Maconha/ Haxixe/ Skank	26,1	13,8	9,1
Inalantes e Solventes	20,4	6,5	2,9
Cocaína (Pó)	7,7	3	1,8
Merla	0,8	0,1	0,1
Crack	1,2	0,2	0,2
Alucinógenos	7,6	4,5	2,8
Cetamina®	0,8	0,6	0,6
Chá de Ayahuasca	1,4	0,9	0,2
Ecstasy	7,5	3,1	1,9
Esteróides Anabolizantes	3,8	0,9	0,5
Tranquilizantes e Ansiolíticos	12,4	8,4	5,8
Sedativos ou Barbitúricos	1,7	1,1	0,9
Analgésicos Opiáceos	5,5	3,8	2
Xaropes à Base de Codeína	2,7	1	0,7
Anticolinérgicos	1,2	0,6	0,4
Heroína	0,2	0,1	0
Anfetamínicos	13,8	10,5	8,7
Drogas Sintéticas	2,2	1,1	0,8

Figura 3 - Imagem retirada do I Levantamento Nacional Sobre o Uso de Álcool, Tabaco e Outras Drogas entre Universitários das 27 Capitais Brasileiras, Prevalência de uso na vida, nos últimos 12 meses e nos últimos 30 dias de substâncias psicoativas entre os universitários.

Substância Psicotrópica/ Tipo de IES	Uso na vida (%)		Uso nos últimos 12 meses (%)		Uso nos últimos 30 dias (%)	
	Pública	Privada	Pública	Privada	Pública	Privada
Álcool	88	85,7	75	71,2	61,1	60,3
Produtos de Tabaco	35,6	49,7	19,6	29,9	13,2	23,7
Uso de Drogas Ilícitas	36,5	52	27,2	37,9	16,1	28,4
Maconha/ Haxixe/ Skank	18,2	28,3	11,8	14,3	7	9,6
Inalantes e Solventes	17	21,4	6,6	6,5	1,7	3,2
Cocaína (Pó)	3,9	8,8	2,1	3,2	0,7	2,1
Merla	0,2	0,9	0	0,2	0	0,2
Crack	0,5	1,4	0,3	0,1	0,3	0,1
Alucinógenos	4,3	8,5	3,2	4,8	1,3	3,2
Cetamina®	0,3	0,9	0,1	0,7	0,1	0,8
Chá de Ayahuasca	1	1,5	0,6	0,9	0,4	0,1
Ecstasy	3,2	8,7	1,2	3,5	0,3	2,3
Esteróides Anabolizantes	1,6	4,4	1,1	0,9	0,1	0,6
Tranquilizantes e Ansiolíticos	9,1	13,3	5,7	9	3,6	6,3
Sedativos ou Barbitúricos	1	1,9	0,7	1,2	0,6	1
Analgésicos Opiáceos	3,7	6	2,8	4	1,4	2,1
Xaropes à Base de Codeína	1,3	3	0,9	1,1	0,4	0,8
Anticolinérgicos	0,6	1,3	0,3	0,6	0,1	0,5
Heroína	0	0,3	0	0,1	0	0,1
Anfetamínicos	5,5	16	3	12,3	2	10,3
Drogas Sintéticas	0,7	2,6	0,4	1,2	0,1	1

Figura 4 - Imagem retirada do I Levantamento Nacional Sobre o Uso de Álcool, Tabaco e Outras Drogas entre Universitários das 27 Capitais Brasileiras, Prevalência de uso na vida, nos últimos 12 meses e nos últimos 30 dias de substâncias psicoativas, conforme o tipo de IES.

Segundo Fernandes et al. (2017) o Brasil conta com mais de 7,5 milhões de estudantes universitários, distribuídos em, aproximadamente, 2.400 instituições e o uso de

substâncias psicoativas entre esse público parece ser uma prática frequente, muito discutida pela mídia leiga e analisada por alguns estudos científicos.

A partir desse contexto e considerando a importância de realizar estudos sobre esta temática com estudantes universitários, a presente pesquisa se propõe a analisar quais são as percepções e práticas de consumo que estudantes universitários possuem sobre drogas lícitas e ilícitas.

5 METODOLOGIA

O presente trabalho buscou determinar qual é a percepção de estudantes universitários de instituições de ensino superior públicas do sudoeste do Paraná sobre drogas lícitas e ilícitas. Foram objeto desse estudo os estudantes das seguintes universidades: UTFPR - Universidade Tecnológica Federal do Paraná - *campus* Francisco Beltrão e UFFS - Universidade Federal da Fronteira Sul - *campus* Realeza. Ainda com relação a estas instituições, a UTFPR *campus* Francisco Beltrão conta com cinco cursos de nível superior e dois cursos de mestrado, já a UFFS *campus* Realeza possui seis cursos de graduação e um de mestrado.

Para definir qual era o conhecimento desses estudantes sobre drogas lícitas e ilícitas foi criado um formulário (apêndice 1), a partir da plataforma *Google Forms*, o qual esteve disponível durante o período de quinze dias, de forma gratuita e online. Este formulário foi dividido em sete seções, sendo que a primeira apresenta um termo de esclarecimento/consentimento (apêndice 2) e as demais questões que nortearam este estudo. Além disso, o formulário foi aplicado em grupos específicos de cada universidade, por meio da mídia social - *Facebook*. As perguntas utilizadas, além de buscarem identificar qual o conhecimento do participante sobre drogas lícitas e ilícitas, também tentaram reconhecer se o mesmo faz ou já fez, em algum período de sua vida, o uso dessas substâncias psicoativas. Vale ressaltar que esses questionamentos não foram criados inadvertidamente, mas baseados nos estudos de Nóbrega et al. (2012), Coutinho, Araújo e Gonties (2004), Zeferino et al. (2015), Eckschmidt, Andrade e Oliveira (2013).

Esta pesquisa foi de abordagem quanti-qualitativa, pois foram considerados aspectos numéricos e subjetivos dos dados obtidos. Após a aplicação do questionário, analisaram-se as respostas e com as que permitiam, criaram-se gráficos referentes a: substâncias lícitas e ilícitas conhecidas; os motivos que levam alguém a utilizar um psicoativo; quais as consequências desse uso e quais substâncias lícitas ou ilícitas foram utilizadas pelos participantes (ao menos uma vez na vida, nos últimos 12 meses e nos 30 dias antecedentes a pesquisa). Já com as questões mais subjetivas, buscou-se analisar os discursos dos participantes e também, com aquelas que permitiam, foi montada uma tabela contendo todos os respectivos resultados.

Vale ressaltar que foram criadas categorias de análise para esmiuçar as particularidades das respostas obtidas. Como questões éticas da pesquisa foram levadas em

consideração: a identificação dos participantes (o nome não foi reivindicado no formulário de pesquisa); o aceite dos participantes foi obtido mediante termo de consentimento livre e esclarecido (inclusive na primeira página do questionário); os objetivos e a temática central, bem como a possibilidade da desistência a qualquer momento também foram informados no referido termo. No caso de aflorar algum sentimento/lembrança traumática, o participante estaria livre para deixar de participar da pesquisa sem qualquer tipo de prejuízo pessoal. Destaca-se ainda que os dados pessoais utilizados nas análises limitaram-se somente a dados genéricos como: o gênero e a universidade. Dados como idade e curso não foram considerados por não apresentarem relevância significativa para a análise das informações obtidas.

5.1 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Com intuito de melhorar o entendimento sobre os resultados obtidos, optou-se por separar esse tópico em cinco categorias. A primeira trata “sobre psicoativos em geral”, na qual foram abordadas brevemente algumas características dos participantes (gênero e instituição de origem), o entendimento sobre o que é psicoativo lícito ou ilícito e também quais substâncias os mesmos conhecem.

O segundo grupo é denominado “sobre substâncias lícitas” e aborda a compreensão que os participantes têm para o que é considerado lícito e quais substâncias lícitas conhecem. Além disso, essa categoria também levanta questionamentos sobre os motivos que levam alguém a usar um psicoativo lícito e suas possíveis consequências.

Na terceira parte “sobre as práticas de consumo de substâncias lícitas”, buscou-se entender qual o padrão de consumo desses psicoativos entre os universitários que responderam o questionário. Para isso, partiu-se das perguntas que avaliavam se o participante havia usado alguma substância lícita ao menos uma vez na vida, bem como nos últimos 12 meses e 30 dias anteriores à realização dessa pesquisa. Também foi questionado se os mesmos fazem uso recorrente de alguma substância lícita e qual é essa frequência.

A quarta categoria é chamada “sobre substâncias ilícitas” e assim como a segunda, tenta entender quais as percepções que os universitários têm sobre esses psicoativos e quais os mesmos conhecem. Além disso, foi investigado quais os motivos e possíveis consequências que os participantes consideram estar associados a esse uso.

Por fim, temos a quinta categoria “sobre as práticas de consumo de substâncias ilícitas”, na qual assim como na terceira, analisou-se o padrão de consumo de substâncias ilícitas ao menos uma vez na vida, nos últimos 12 meses e 30 dias anteriores à pesquisa. Ainda, procurou-se averiguar se ocorre o uso recorrente de algum ilícito e com qual frequência.

5.1.1 Sobre psicoativos em geral

A primeira seção do questionário elaborado para esta pesquisa contava com perguntas que buscavam esclarecer o perfil dos participantes, sendo assim, sabe-se que foram ao todo 91 respostas, sendo que 68 dos participantes se consideram do sexo feminino (74.7%) e 23 do sexo masculino (25.3%). Destes, 71 (78%) são estudantes da UFFS Realeza, 20 (22%) da UTFPR Francisco Beltrão, divididos nos mais diversos cursos de educação superior. Além disso, 87 (95,7%) participantes possuem nível de graduação, 3 (3,2%) de mestrado e 1 (1,1%) de doutorado.

Já a segunda seção, contava com perguntas gerais sobre psicoativos. Quando indagados se sabiam o que é uma substância psicoativa, 5 participantes responderam que não (5.5%) e os outros 86 (94.5%) responderam que sabiam do que se trata. Entre as respostas para esta questão ainda apareceram as seguintes afirmações: *substância que age principalmente no sistema nervoso central; substâncias químicas que causam alterações no sistema nervoso e mudam temporariamente as percepções; são substâncias químicas que agem principalmente no sistema nervoso central, onde alteram a função cerebral e temporariamente muda a percepção, o humor, o comportamento e a consciência; aquilo que provoca alguma ação no cérebro; sim, uma substância que provoca mudanças no estado psicológico do indivíduo; sim, que causa algum efeito benéfico ou maléfico.*

Esses diferentes saberes sobre o que seria uma substância psicoativa, convergem com a já mencionada definição de “drogas” da OMS, que as classifica como qualquer substância que não é produzida pelo organismo mas que possui a capacidade de atuar sobre o seu funcionamento. Essas diferentes definições sobre o que seria um psicoativo também convergem com a definição de Alarcon e Jorge (2012) para o termo, segundo os autores, trata-se de qualquer substância que possua capacidade para modificar as funções corporais. Ainda segundo Carvalho (2011) e Fiore (2012), um psicoativo é alguma substância que tenha a capacidade de agir sobre o funcionamento do cérebro, provocando alterações no

estado mental. Para Silveira e Doering-Silveira (2018) substâncias psicoativas são aquelas usadas para provocar alterações nas sensações, no estado emocional ou no grau de consciência, sendo que os efeitos podem variar, dependendo da substância, de quem as utiliza, da circunstância em que ocorre esse consumo. Dessa maneira, nota-se que as definições elencadas pelos participantes da pesquisa estão conversando com as diferentes classificações do termo encontradas na literatura.

Posteriormente, foi solicitado aos participantes que citassem alguma substância psicoativa que conheçam, sendo elencadas ao todo 22 substâncias diferentes, conforme indica o gráfico abaixo (figura 5):

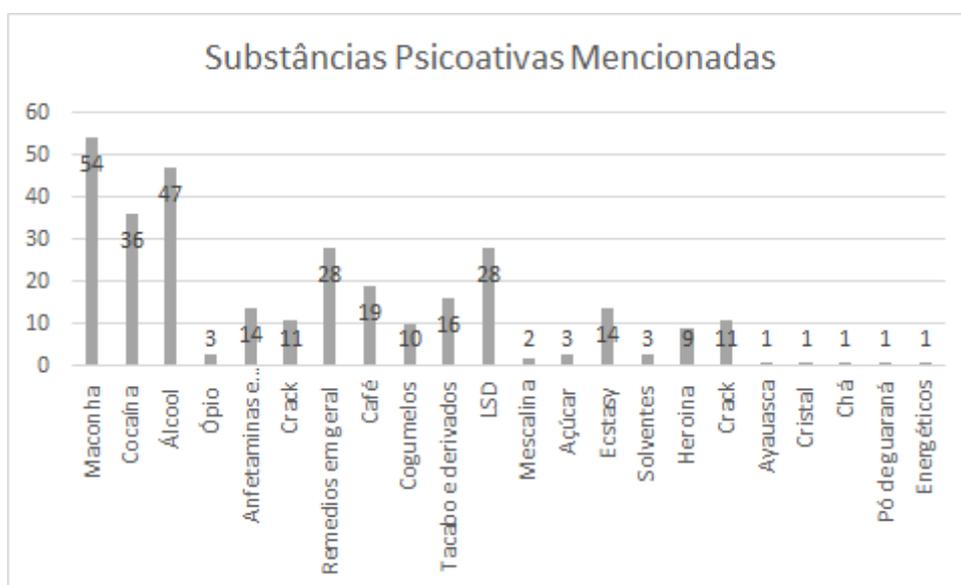


Figura 5: Elaborado pelo autor.

Nota-se que a *Cannabis* foi o psicoativo mais citado entre os 91 participantes, sendo elencado um total de 54 vezes. Logo em seguida está o álcool, sendo mencionado 47 vezes. A terceira substância com maior recorrência foi a cocaína, aparecendo 36 vezes e posteriormente o LSD e os remédios em geral, ambos sendo citados 28 vezes. Já o tabaco e seus derivados, juntamente com a cafeína, foram indicados 16 e 19 vezes respectivamente. É importante ressaltar que esta era uma questão aberta, sendo possível que os participantes citassem mais de uma substância na mesma resposta. Ademais, percebe-se que a maior parte dos participantes não limita o termo psicoativo às drogas ilícitas, considerando que no senso comum, drogas são substâncias ilegais. Isto fica claro quando observa-se algumas das substâncias citadas, como os energéticos, o pó de guaraná e o açúcar.

5.1.2 Sobre substâncias lícitas

Quando questionados se sabiam do que se trata uma substância lícita, todos os participantes responderam que sim, cuja compreensão foi comprovada pelas respostas, sendo algumas: *Algo lícito é algo que tem sua utilização permitida pela lei vigente, lícito é algo que está previsto na constituição brasileira, ou seja, dentro da legalidade, é algo que é permitido pelo governo (álcool, cigarro), lícita é uma substância cuja produção e uso são permitidos por lei da região onde são consumidas, sendo liberada para comercialização e consumo, aquilo que é permitido o uso por lei, dentro de determinadas regras, substância, objeto, consumível, entre outros, que se encontra liberado e regulamentado por leis vigentes do país, estado, município em questão, aquilo que se encaixa dentro das diretrizes sociais de uma cultura. O que pode ser feito ou consumido.*

De acordo com o Dicionário Aurélio (FERREIRA, 2009, p. 1205), lícito é algo que se encontra em conformidade com a lei. Para Silveira e Doering-Silveira (2018) uma substância lícita é aquela permitida por lei, sendo que seu livre comércio é legal. Contudo, uma substância ser lícita não significa que a mesma é menos perigosa que outra ilícita (ou o contrário). O próprio álcool é um exemplo disso, sendo que como já mencionado, em uma pesquisa realizada por David Nutt (2010), esse psicoativo é apontado como um dos mais prejudiciais, tanto para o usuário quanto para a sociedade. Carneiro (2018) nos diz que esse critério legal por vezes não faz jus ao potencial de dependência e à toxicidade de uma substância. Como já dizia Paracelso (1493-1541), “nada é veneno, tudo é veneno. A diferença está na dose” (SANTOS, 2008, p. 56).

Na questão seguinte, foi solicitado que os participantes listassem algumas substâncias lícitas que conheciam, sendo que o álcool foi a mais citada, aparecendo um total de 85 vezes, em seguida está o tabaco, apontado 60 vezes e em terceiro estão os remédios, mencionados um total de 38 vezes. Já a cafeína foi listada 26 vezes ao todo. Essas foram as 4 substâncias que apareceram com maior recorrência. Ainda foram listados outros psicoativos, porém com uma frequência menor. O gráfico a seguir (figura 6), lista todas as substâncias lícitas apresentadas:

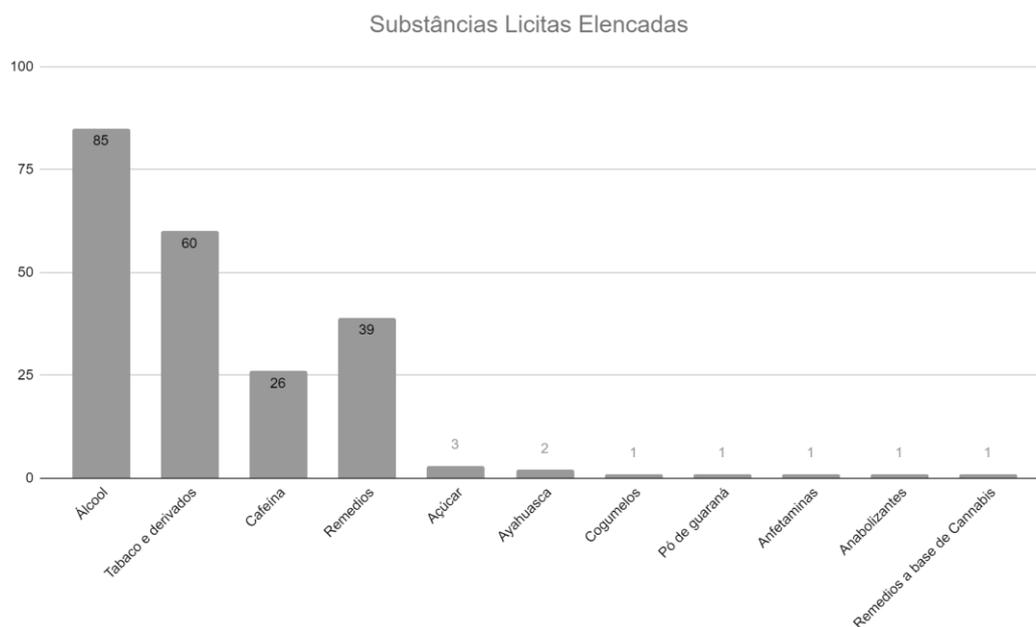


Figura 6: Elaborado pelo autor.

É interessante notarmos que existem algumas substâncias que estão em um “limbo”, sobre serem ou não consideradas psicoativos lícitos, como é o caso dos cogumelos e a ayahuasca. De acordo com Mikosz (2006), essas duas substâncias podem ser consideradas drogas, se for escolhido um ângulo de visão apropriado. Contudo, a terminologia “droga”, tem um sentido pejorativo em nosso idioma e sendo assim, não pode ser usada para referir-se a ambas, até por que elas não recebem essa classificação pela legislação brasileira.

A ayahuasca, é utilizada principalmente por três religiões brasileiras, a Santo Daime, a Barquinha e a União vegetal. Este chá é feito a partir da mistura de duas plantas amazônicas, o cipó *Banisteriopsis caapi*, popularmente conhecido como jagube ou mariri e o arbusto *Psychotria viridis* também conhecida como chacrona ou folha-rainha. Nos anos 80, foi proscrita pelo Ministério da Saúde que chegou a classificá-la como nociva à saúde. Contudo, tempos depois, foi retirada da lista de substâncias e plantas proibidas, justamente por não se encontrar nenhum indício de prejuízo à saúde mental ou física dos usuários. Também não existem comprovações de que este enteógeno cause dependência. Um outro dado interessante, é que para se ter uma overdose desse chá são necessários 7.8 litros para um homem adulto. A título de curiosidade, a dose letal de água é de 10 litros, e do suco de maracujá 8 litros. Atualmente, o CONAD (Conselho Nacional Antidrogas) reconhece os usos ritualísticos da bebida (MIKOSZ, 2006, p. 10-13).

Com relação aos cogumelos, existem algumas variedades que podem afetar o SNC, como a *Psilocybe mexicana*, *Psilocybe cubensis*, *Psilocybe caerulescens*, *Amanita pantherina* e *Amanita muscaria*. Em territórios maias, já foram encontradas figuras de pedras que fazem referência ao fungo datadas de 1000 a.C e 500 d.C, eles também referiam-se a ele como a “carne dos deuses”. Esses psicoativos também já foram usados por curandeiros em rituais religiosos no Amazonas, Guatemala e México. No ranking de David Nutt, a pontuação geral de dano dessa substância é de 6 pontos, número bem inferior à pontuação do álcool e do tabaco (NUTT, 2006, p. 1561), ambas substâncias que também foram citadas pelos participantes.

O álcool é uma substância socialmente aceita e cujo consumo tende a ser estimulado, e muitas vezes não considerado uma droga. Pode causar desde desinibição até falta de coordenação motora, sendo essa a causa de vários acidentes ao redor do mundo. Seu uso ritualístico também ocorre em algumas religiões afro-brasileiras (MIKOSZ, 2006, p. 6-7). Considerando substâncias lícitas e ilícitas, para Nutt (2006), esta é uma das substâncias que mais causa danos ao usuário, ficando atrás da heroína, crack, cocaína e metanfetaminas⁹. Quando se olha o dano social, este é o psicoativo com maior pontuação no ranking. Ainda, quando considera-se todos os aspectos de dano, o álcool é a substância mais prejudicial, marcando 72 pontos no ranking de David Nutt. Da mesma forma que o álcool, o tabaco também é utilizado em algumas religiões afro-brasileiras, como a umbanda e o candomblé, inclusive a planta de tabaco era considerada sagrada para alguns indígenas. Contudo é uma substância com grande capacidade de adicção (MIKOSZ, 2006, p. 7-8). No ranking de Nutt, essa substância marca 26 pontos, quando considera-se a pontuação geral de dano.

Quando solicitado que respondessem o que achavam de usuários de substâncias lícitas, obteve-se diversas respostas com diferentes sentidos, entre elas: *Pessoas comuns que não percebem o quão perigoso é o consumo e sua possível dependência dessas substâncias*. Nesta resposta parece haver uma percepção de que o termo “pessoas comuns” é utilizado para fazer referência àqueles que não possuem acesso à informação e justamente por isso, por serem consideradas “comuns”, teriam uma chance maior de se viciar ao utilizar algum psicoativo. Outra resposta interessante é: *Acho que falta percepção desses*

⁹ Considerando os danos ao usuário, a pontuação do crack e da cocaína é próxima dos 80 pontos; a heroína e as metanfetaminas estão próximas dos 70 pontos. O álcool por sua vez fica com uma pontuação próxima dos 60 pontos. Mas isso quando considera-se apenas os danos causados ao usuário. Para ver mais consultar Nutt, 2010, p. 1562

usuários em relação ao que estão utilizando e qual a real diferença entre substâncias lícitas e ilícitas. Ambas as respostas buscam culpabilizar o outro pelo consumo e ainda fazem referência ao usuário como alguém sem conhecimento e que por vezes não entende as causas ou consequências de seus próprios atos. A última resposta também utiliza o termo “real diferença”, mas não fica claro qual seria essa diferença, seria propriamente a distinção jurídica entre lícitos e ilícitos? Ou estaria relacionado aos danos que cada substância causa? Ou quem sabe ainda ao potencial de vício das mesmas? Ainda nesse sentido, destaca-se a seguinte resposta: *se for usado em local público e período de estudos é uma vergonha e deveriam ser suspensos e matrícula cancelada;* novamente culpabilizando aquele que faz uso pelo fato de consumir algum tipo de droga. Também nessa resposta, limita-se o usuário apenas ao espaço da universidade, como se o mesmo não possuísse uma vida social ou privada.

É importante ressaltar que na pergunta anterior, quando questionados se já haviam realizado o uso de algum psicoativo lícito, 90 (98,9%) participantes responderam que sim, sendo que apenas 1 (1,1%) alegou nunca ter utilizado nenhuma dessas substâncias. Contudo, ao analisarmos as respostas é possível perceber que houve um número maior de pessoas criticando o uso de psicoativos lícitos. Com isso, pressupõe-se que muitos dos participantes não olham para o próprio consumo, apenas para o do outro.

Na contramão das respostas anteriores, houve alguns participantes que defenderam a autonomia do usuário, tais como: *Acho que cada um tem liberdade de fazer as próprias escolhas sobre as substâncias que utiliza;* ou ainda: *Acho que não é da minha conta. Pois cada um tem autonomia para decidir sua própria vida.* Essas duas respostas fazem uma defesa da autonomia do sujeito sobre seu próprio corpo, sem haver nenhum fator limitante para a mesma. Porém, ainda houve participantes que partiram da defesa da autonomia do usuário sobre o que coloca para dentro do seu corpo, mas foi adicionado o vício ou ainda a própria consciência com a saúde como um fator limitante desse autogoverno, o que é visível nas seguintes respostas: *Desde que não se torne um vício, acredito ser ok;* *Na minha opinião, acho que é particular da pessoa;* *Cada um é livre para fazer o que achar, mas claro, sabendo o que está fazendo;* *Essas substâncias fazem mal a saúde, mas vai da consciência de cada pessoa.* Nota-se que existe sim uma defesa da autonomia do usuário, mas só até que ocorra o vício, o que nos diz que provavelmente esses participantes vêem o viciado como um problema social.

Também houve respostas em que foi apontado que o uso além de provocar danos ao indivíduo, pode causar danos a outras pessoas, tais como: *Se não provocam problemas para si mesmos e para aqueles ao seu redor, e se não usam em quantidades excessivas, não tenho nada contra; Enquanto isso não representar um risco à vida alheia ou grave ameaça a saúde do indivíduo, não tenho nada contra; Têm direito de escolha desde que não interfiram na vida do próximo; acho que prejudicam sua saúde e dos outros no caso dos fumantes.* Novamente é possível perceber uma certa defesa da autonomia, mas ainda com um fator limitante, neste caso os possíveis danos sociais que os lícitos podem provocar.

Houve ainda um participante que elencou em sua resposta que o próprio álcool é mais danoso que muitas substâncias ilícitas: *Não me interessa o uso (quantidade/frequência), porém, infelizmente a maioria é hipócrita em relação a substâncias ilícitas, pois o álcool, por exemplo, algumas vezes causa efeitos muito piores do que algumas dessas substâncias ilícitas.* Essa resposta conversa com o ranking de David Nutt (2006) sobre o potencial de dano de substâncias lícitas e ilícitas.

Ademais, houve respostas como: *Acho que medicamentos são drogas normalmente necessárias; Acho nada, até porque até quem não usa substâncias como álcool e tabaco acaba usando analgésicos e diferentes remédios e cada um sabe de si; Que devam parar. No caso de remédios tentar ao máximo não fazer uso, somente quando necessário; algumas substâncias podem ajudar no tratamento de doenças como os ansiolíticos para tratamento da ansiedade; Estas substâncias são amplamente utilizadas pelos mais diferentes indivíduos da sociedade às vezes sem mesmo saber que está consumindo.* Todos esses participantes apontaram em suas respostas um leque maior de psicoativos lícitos, seja para os remédios ou para qualquer outra substância psicoativa. Com isso podemos dizer que são pessoas que conseguem entender que existem muitas substâncias lícitas que usamos diariamente, mesmo que por vezes, não notamos esse fato.

Apesar disso, algumas respostas remeteram a uma compreensão equivocada da pergunta, tais como: *Não concordo com o uso* ou *Seu uso não é permitido.* Pressupõe-se que esses “erros” ocorreram devido ao uso da expressão “psicoativo lícito” na pergunta, o que poderia levar os participantes a entenderem que a mesma tratava de substâncias ilícitas. É importante dizer que a questão foi intencionalmente formulada dessa maneira, para que fosse possível entender se os participantes possuíam discernimento entre o que é algo considerado lícito ou ilícito.

Para analisar a pergunta “Para você, quais as causas do uso de substâncias psicoativas”, optou-se por separar as respostas em 7 grandes grupos, sendo eles: uso para socializar; saúde; alterar o estado de consciência/fuga; suprir algo; por serem lícitas; recreação/vontade/estados de ânimo; não souberam opinar. Em cada uma dessas classificações, buscou-se agrupar respostas semelhantes. A título de exemplo, no grupo “saúde”, estão respostas como: depressão; ansiedade, bipolaridade; tratamento médico; transtornos psicológicos; vício; entre outros. Sendo assim, montou-se um gráfico (figura 7), com o número total de respostas em cada um dos grupos.

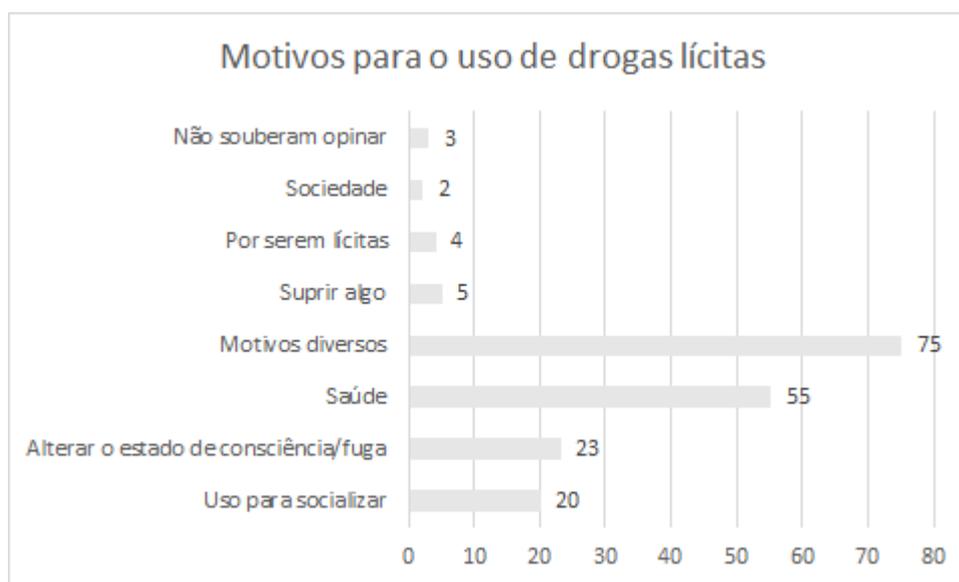


Figura 7: elaborada pelo autor.

Para começar a análise, iniciaremos pelo grupo “motivos diversos”, justamente por este ser o que obteve o maior número de respostas. Neste conjunto estão respostas como: *o uso recreativo, uso por prazer, por gostar, para sair da rotina, por curiosidade, “para relaxar, por escolha, para aliviar o stress.* Conforme mostra o gráfico, ao todo foram 75 respostas que convergem todas para estes mesmos sentidos. Rodríguez e Scherer (2008) realizaram uma pesquisa que buscava entender o que motivava estudantes universitários a usar drogas lícitas, e encontraram algumas respostas semelhantes às apontadas aqui. Entre elas o uso por curiosidade, por prazer, por ociosidade, por solidão, por estar na moda, entre outros. Esses autores ainda chamam estas causas de motivações internas, sendo estas os estímulos que temos diariamente para realizar coisas diferentes, passando pelas nossas vontades e pelos nossos pensamentos (RODRIGUEZ e SCHERER, 2008, p. 3). Chiapetti e Serbena (2007) também encontraram respostas semelhantes, como: curiosidade, alívio de

tensões, busca por diversão e por prazer, entre as motivações de universitários para usar algum psicoativo.

O segundo grupo no qual foi possível encaixar mais respostas, foi o da “saúde”, com um total de 55 participantes elencando termos que conversavam com essa temática, tais como *prescrição médica, depressão, ansiedade, tratamento de doenças, vício, transtornos mentais*. É importante dizer que, como estamos falando de substâncias lícitas, neste grupo se encaixam os psicoativos de uso médico, tais como: analgésicos; morfina; fluoxetina, codeína, ansiolíticos e antidepressivos. Todos os medicamentos mencionados foram citados pelos participantes quando solicitado que indicassem alguma substância lícita que conheçam. Zalaf e Fonseca (2009), encontraram respostas semelhantes às alocadas nesse grupo. Neste caso, os autores apontam que doenças como a depressão podem estar ligada com casos de drogadição. Porém, também reforçam que o abuso de drogas é um agravante em pessoas portadoras de transtornos mentais, tais como ansiedade, hiperatividade, déficit de atenção, entre outros (ZALAF e FONSECA, 2009, p. 136). É importante mencionarmos que também foi utilizado o termo “vício” e este seria a consequência do uso abusivo de um determinado psicoativo, o qual coloca a pessoa em um estado de necessidade (RODRÍGUEZ e SCHERER, 2008, p. 4).

No grupo “alterar estado de consciência/fuga”, estão respostas como: *fugir dos problemas, fugir da realidade, buscar um estado alterado de consciência, produzir outras sensações*. Zalaf e Fonseca (2009) apontam que respostas semelhantes a estas são utilizadas por sujeitos que usam psicoativos para conseguir anestesiar suas dores, suportar as dificuldades, esquecer de seus problemas e de suas carências. Fernandes et al. (2017), também nos traz que a fuga de realidade/uso como válvula de escape, são alguns dos motivos mais usados por universitários para realizar o uso de algum psicoativo.

Já no “uso para socializar” foram encaixadas respostas que faziam referência a: *uso para fazer parte de um grupo, para ser aceito, socialização e pressão social*. A este tipo de causa, Rodríguez e Scherer (2008), chamaram de motivações externas, e nela, os autores ainda encaixam outros elementos, como a própria família do indivíduo, propagandas e normas de inclusão e aceitação de um determinado grupo. Os autores também apontam que aqui estão encaixados motivos de alguém próximo, que acarretam no uso de substâncias psicoativas. Ou seja, para que ocorra realmente uma motivação/influência de cunho social, primeiro é necessário que o motivo do outro tenha sido notado e aceito como próprio, para

então poder se falar em um decisão motivada por outras pessoas (RODRÍGUEZ e SCHERER, 2008, p. 4)

Não foi possível encaixar muitas respostas nos grupos restantes. Em “suprir algo”, todas as respostas diziam exatamente isso. Já no “por serem lícitas”, estão respostas como *pelo fácil acesso, fácil comercialização e por serem lícitas*. No item “sociedade”, as respostas são “por ser moralmente aceito” e “sociedade”. Ainda, 3 participantes não souberam dizer um motivo que leva as pessoas ao uso de substâncias lícitas.

Já para analisar a pergunta “Para você, quais as consequências do uso de substâncias lícitas”, organizaram-se as respostas em 8 grupos, sendo eles: “danos físicos a saúde”, “alterações psicológicas”, “danos sociais”, “prejuízo financeiro”, “o uso pode ser benéfico”, “dependência”, “não sei” e “nenhuma”. Para melhor visualizar as respostas, foi elaborado o gráfico abaixo (figura 8):



Figura 8: elaborada pelo autor.

Começando pela categoria onde foi possível encaixar o maior número de respostas, temos “dependência”. Neste grupo, estão respostas que alegavam como consequência o vício. Segundo Moraes e Torrecillas (2014), atualmente existem duas correntes que explicam a existência desse fenômeno. A primeira é constituída por farmacologistas, ecologistas e fito biologists, que ao realizarem estudos de interações entre herbívoros e plantas, concluíram que o efeito psicoativo de algumas plantas buscam espantar herbívoros. A outra corrente, composta em sua maioria por neurobiologistas, diz que a dependência está ligada a uma interferência que essas substâncias causam nos sistemas de recompensa

do corpo. Para Sabino e Cazenave (2005), é o uso abusivo de alguma substância que pode provocar o vício, já que este uso pode provocar algum tipo de alteração mental. Crives e Dimenstein (2003), ao tentarem entender quais os sentidos que usuários de psicoativos produzem ao seu consumo, notaram que muitos dependentes, veem a si mesmos de uma maneira discriminatória e punitiva, muitas vezes como marginais ou pessoas fora da lei.

No grupo “danos físicos à saúde”, estão respostas como: *pode prejudicar o cérebro; pode causar doenças; acarreta diversos danos à saúde*, entre outras, todas convergindo para esses sentidos. Esta é uma visão correta. O tabaco, por exemplo, provoca altos custos econômicos e sociais. O tabagismo é uma das maiores causas de mortes e doenças, essa substância é responsável por cerca de 70% dos casos de câncer de pulmão em mulheres e 90% em homens (NUNES; CASTRO e CASTRO, 2011, p. 17). No ranking de David Nutt (2010), considerando a pontuação geral de dano, o tabaco está em sexto lugar, com um total de 26 pontos.

Com relação ao álcool, o padrão de consumo muda dependendo da cultura, do país, da faixa etária e das normas sociais. E o riscos variam conforme esse padrão. A título de exemplo: beber vinho em quantidades moderadas durante as refeições possui um risco de dano menor se comparado a beber numerosas doses de destilados. Esse psicoativo também está relacionado com neoplasias malignas, doenças cardiovasculares, cirrose, diabetes, entre outras doenças. Também não pode-se esquecer dos danos sociais que esta substância provoca, como problemas familiares, de desordem pública, problemas interpessoais (MELONI e LARANJEIRA, 2004, p. 3-7). A parte dos danos sociais citada por esses autores, conversa diretamente com a com nossa próxima categoria, a de “danos sociais”, onde são elencadas respostas como: *sair bêbado e causar acidentes; problemas familiares; problemas de saúde pública; prejuízo das relações interpessoais, por em risco outras pessoas*. Monteiro (2016, p. 171-172) diz que as consequências do consumo desse psicoativo vão além dos danos à saúde. Estes danos atingem amigos, família, vizinhos e outras pessoas do círculo social do usuário, prováveis vítimas do consumo do outro. Crives e Dimenstein (2003), também dizem que dependentes de álcool em tratamento, atribuem um valor negativo ao uso de drogas, por ser algo destrutivo em relação à vida do ser humano.

Já na categoria “alterações psicológicas” estão respostas como: *agressividade; alterações de humor; alterações de comportamento; diminuição da atividade mental*; entre outras, mas todas conversavam com as citadas aqui. Como exemplo, iremos usar

novamente o abuso de álcool. Existe uma forma grave de abstinência dessa substância, chamada de *delirium tremens*, a qual provoca confusão mental, alterações de memória, desorientação temporo-espacial, agitações psicomotoras e até mesmo alucinações visuais, auditivas e táteis. Essa alteração psicológica pode inclusive levar à morte (TEMELLINI e MONDONI, 2009).

5.1.3 Sobre as práticas de consumo de substâncias lícitas

Quando questionados se já haviam usado alguma substância psicoativa lícita, o menos uma vez na vida, 90 participantes (98,9%), responderam que sim, sendo que apenas uma pessoa disse nunca ter usado nenhuma substância dessa categoria.

Ainda, quando solicitado que citassem qual foi a psicoativo que utilizam, o álcool foi apontado em 86 (94,5%) das respostas, o tabaco em 48 (52,7%), remédios em 26 (28,6%) e a cafeína 14 (15,3%) das vezes. É importante dizer que também foram elencadas substâncias ilícitas, tais como a cocaína, o LSD e as anfetaminas. Ademais, um participante também citou os cogumelos psilocibina, entrando novamente na questão do que é lícito, ilícito ou ainda permitido para fins religiosos, como já citado. É interessante refletirmos o por que de substâncias ilegais terem sido mencionadas, será por que os participantes que mencionaram esses psicoativos, não entendem a diferença entre lícito e ilícito? ou será algum outro motivo? O gráfico abaixo (Figura 5), traz uma relação das substâncias mencionadas, bem como sua frequência.

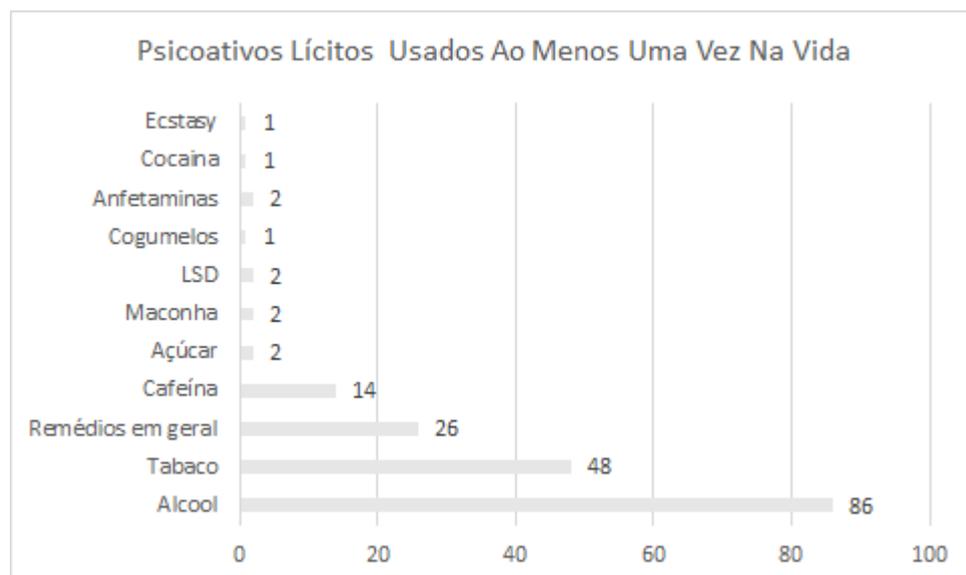


Figura 9: elaborado pelo autor.

Voltando a falar sobre o álcool, um estudo realizado por Sousa (2014), verificou-se que esta substância foi a segunda mais utilizada pelo público universitário, sendo que em sua pesquisa, 63,56% dos entrevistados já haviam a utilizado ao menos uma vez na vida. De acordo com o SENAD (2010) 86,2% dos universitários brasileiros declararam ter feito uso de álcool ao menos uma vez na vida. Já com relação ao tabaco, esta mesma pesquisa mostra que 46,7% dos estudantes já fizeram seu uso ao menos uma vez na vida. Já o uso de remédios em geral foi alegado por 24,3% dos participantes. Outro trabalho, executado por Ramis et al. (2012), que buscou entender o consumo de álcool e tabaco entre estudantes universitários e que contou com 485 participantes, constatou que do total da amostra, 361 (74,4%) dos entrevistados já haviam usado álcool alguma vez na vida. Já para o tabaco, esse número decaiu, sendo um total de 162 (33,4%) dos estudantes entrevistados já haviam feito o uso desse psicoativo alguma vez na vida. Vale ressaltar que a pesquisa em questão, não traz nenhuma informação sobre o uso de outros psicoativos. Lucas et al (2006), traz que 87,7% dos estudantes universitários já fizeram uso do álcool alguma vez na vida. Para o tabaco, esse total é de 30,7%. Essa mesma pesquisa ainda traz que o uso de remédios em geral, o menos uma vez na vida, por esse público foi de 10,6%.

Quando perguntado se haviam feito uso de alguma substância lícita nos últimos 12 meses, 86 (94,5%) participantes afirmaram terem feito o uso nesse período, enquanto outros 5 (5,5%), mencionaram que não. Ainda, nas respostas dadas a esta questão, novamente a substância mais citada é o álcool, aparecendo um total de 82 vezes (90,1%), logo após o tabaco, sendo mencionado 35 vezes (38,4%), posteriormente os remédios em geral e a cafeína, com uma frequência de 17 e 11 vezes, respectivamente (18,6% e 12%). Da mesma maneira que a pergunta anterior, foram apontadas substâncias ilícitas como a maconha, o LSD e o MDMA, e também os cogumelos psilocibina, recaindo outra vez sobre a questão do que é permitido para fins religiosos, o que é lícito e o que é ilícito. O gráfico (figura 10) a seguir, mostra a relação de substâncias apontadas pelos participantes.

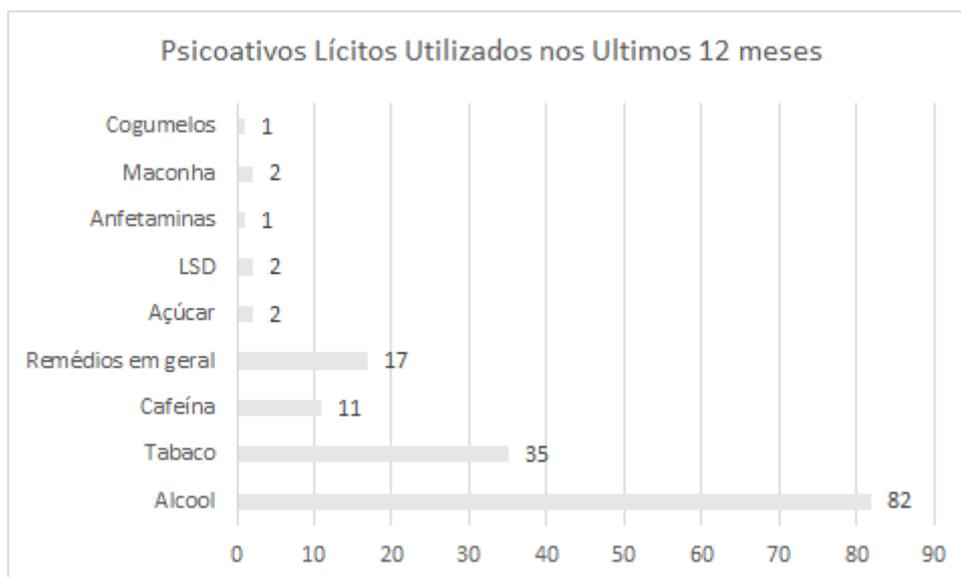


Figura 10: Elaborado pelo autor.

De acordo o SENAD (2010), foi apontado que 72% dos universitários fizeram uso do álcool nos últimos 12 meses. Já o uso para tabaco e derivados, foi de 27,8% nesse mesmo período de tempo, enquanto o uso de remédios em geral ficou em 16,4%. Silva et al. (2006), em sua pesquisa, também traz que o álcool e o tabaco são as duas substâncias mais consumidas pelos estudantes nesse intervalo de tempo, sendo que 84,7% dos alunos pesquisados haviam consumido bebidas alcoólicas nos últimos 12 meses, enquanto para o tabaco, o total foi de 22,8%.

Quando a pergunta referia-se ao uso nos últimos 30 dias, 77 (84,6%) acenaram positivamente, já para os outros 14 (15,4%), a resposta foi negativa. Com relação aos psicoativos mencionados, tem-se mais uma vez o álcool em primeiro, aparecendo 71 vezes (78%), o tabaco em segundo, sendo citado um total de 20 vezes (21,9%), em terceiro os remédios em geral, com um total de 11 vezes (12%) e a cafeína em quarto lugar, sendo elencada 7 (7,6%) das vezes. Ainda, nesta questão, foi mencionada uma vez a *Cannabis*, os demais psicoativos ilícitos que apareceram nas questões anteriores, não foram apontados nesta pergunta, conforme mostra o gráfico a seguir (figura 11):

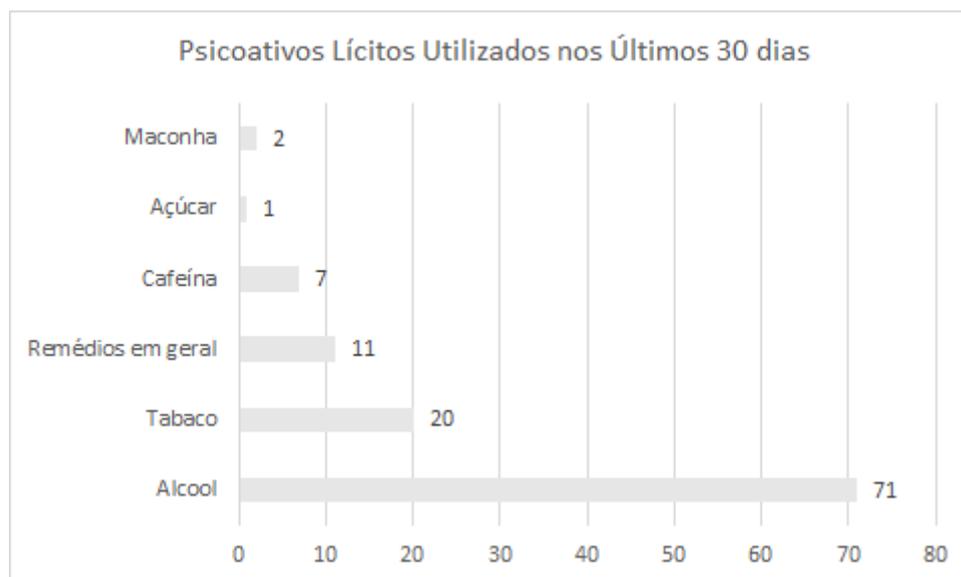


Figura 11: Elaborado pelo autor.

Para esse intervalo de tempo, o SENAD (2010), aponta que 60,5% dos universitários já utilizaram álcool, enquanto 21,6% já fez uso de tabaco ou derivados. Para o uso de remédios em geral, tem-se um total de 9,8%, nesse período de tempo.

Para dar visibilidade à frequência de uso de substâncias lícitas, optou-se por montar a tabela abaixo (tabela 1):

Frequência de uso de psicoativos lícitos					
Frequência	Álcool	Tabaco	Remédios	Cafeína	Açúcar
Uso diário		X	X	X	X
Aos finais de semana	X				
1x por semana	X				
2x por semana	X				
3x por semana	X				
Entre 2x e 3x por semana	X				
Entre 4x e 5x por semana	X				
1x por mês	X				
2x por mês	X				

Entre 2x e 3x por mês	X				
Entre 4x e 5x por mês	X				
Considera não utilizar nenhum psicoativo com frequência	X				

Nesta tabela, estão os psicoativos lícitos que os participantes dizem usar e suas respectivas frequências de uso. Entre as respostas, 22 (24,2%) dizem não realizar uso de nenhuma substância frequentemente. Contudo, essa é uma pergunta na qual as respostas tendem a ser de caráter mais subjetivo, isso porque irá ela mudar de acordo com o que aquele que está respondendo considera como psicoativo lícito. Isso porque substâncias do nosso dia-a-dia como o açúcar e a cafeína foram citadas por 1 (1,1%) e 7 (7,7%) participantes, respectivamente, é possível que os participantes que responderam não fazer o uso, não considerem essas duas substâncias como psicoativos. Sendo assim, existe a possibilidade da quantidade real de pessoas que não utiliza nenhuma substância ser menor. Ainda, por esse motivo optou-se por utilizar a expressão “considera não utilizar nenhum psicoativo com frequência” para apontar essas respostas na tabela acima.

O tabaco foi citado por 4 (4,4%) dos participantes. Não foi mencionado nenhum outro padrão de uso para esta substância. Já os remédios foram apontados em 3(3,3%) das respostas. Vale ressaltar que todas as respostas referentes a essa substância, fizeram alusão de ocorrerem por motivos de saúde, como o tratamento de ansiedade.

O álcool, foi o psicoativo que obteve a frequência de uso mais diversa. Seu uso ocorre em até 1 vez na semana por 15 (16,5%) dos participantes. A recorrência de uso entre 2 e 3 vezes por semana foi de 2 (2,2%). Houve ainda o total de 6 (6,6%) de participantes que relatam fazer o uso somente aos finais de semana, o que nos impede de delimitar a quantidade exata de uso em dias da semana, ou seja, podendo ser somente um (referente ao sábado) ou dois (referente aos dois dias). Ainda, 3 (3,3%) participantes alegam realizar uso dessa substância 2 vezes por semana e 1 (1,1%) entre 4 a 5 vezes por semana.

Com relação ao uso mensal de álcool, teve-se que 1 (1,1%) participante faz seu uso 1 vez por mês, 5 (5,5%) o realizam 2 vezes por mês, 2 (2,2%) dizem utilizar esse psicoativo entre 2 a 3 vezes por mês, já para o uso entre 3 e 4 vezes ao mês tem-se 1 (1,1%) resposta. Por fim, para o uso de 4 a 5 vezes por mês, obteve-se novamente 1 (1,1%) resposta. Os demais psicoativos não tiveram respostas referentes a uso semanal ou mensal, por fim, houve 16 (17,6%) das respostas em que não foi possível determinar a frequência de uso,

isso porque os participantes apenas elencaram a substância utilizada e não o seu padrão de consumo.

Quando solicitado qual era o posicionamento do participante, com relação aos usuários de substâncias lícitas, tem-se que 58 (63,7%) declararam-se neutros, 25 (27,5%) favoráveis e 8 (8,8%) desfavoráveis. Possivelmente alguns dos participantes que se declararam desfavoráveis, tenham consumido alguma substância lícita no período de participação da pesquisa, mas não possuem ciência disso e confundem substâncias taxadas como drogas no senso comum com substâncias lícitas.

5.1.4 Sobre substâncias ilícitas

Quando questionados se sabiam do que se trata uma substância ilícita, 90 participantes (98,9%), responderam que sim, e que tratam-se de substâncias ilegais, ou ainda *Aquilo que não é permitido uso por lei; Tudo o que os preceitos sociais e culturais não permitem que se faça uso sendo caracterizado com crime quando flagrado pelos fiscalizadores; É algo que não pode ser vendido ou comercializado legalmente; Substância, objeto, entre outros, cujo uso não é regulamentado por leis e/ou cujas leis impedem expressamente a comercialização e/ou uso, havendo controle por parte das autoridades; Sim. Que não está de acordo com as leis; Algo que não é permitido perante a lei, ética ou moral;* entre outras respostas, mas todas convergindo para o mesmo sentido. Contudo, 1 (1.1%) participante respondeu que substância ilícita é algo *que é permitido a compra e a venda* e ainda quando pediu-se que citasse algum exemplo, o mesmo elencou o álcool e o tabaco.

De acordo com o Dicionário Aurélio (FERREIRA, 2009, p. 1070), ilícito é aquilo que se opõe o lícito; é contrário a lei; ilegal. Silveira e Doering-Silveira (2008), dizem que drogas ilícitas, são substâncias que têm sua comercialização proibida pela lei, que podem causar dependência e também são conhecidas como drogas pesadas. Esses mesmos autores foram usados para embasar o conceito de lícito anteriormente. Nota-se que quando conceituam o lícito, não falam sobre o potencial de vício dessas substâncias e sabe-se que elas possuem um. Contudo, por serem lícitas, existe uma naturalização do seu uso. Como dito anteriormente, uma droga ser lícita não a faz menos perigosa que uma ilícita, ou vice-versa.

Quando solicitado que citassem algum psicoativo ilícito que conhecessem, tem-se a maconha, como substância que mais recorrente, sendo mencionada 80 (87,9%) vezes, em segundo lugar está a cocaína, sendo citada 67 (73,6%) vezes, posteriormente o LSD, com um total de 43 (47,2%) vezes e em quarto lugar está o crack, sendo apontado 37 (40,6%) vezes. Também foram mencionadas outras substâncias, conforme o gráfico abaixo (figura 12):



Figura 12: Elaborado pelo autor.

É interessante notarmos que substâncias lícitas, como o álcool e o tabaco foram citadas, contudo no caso da primeira, um dos participantes citou o ato de vender substâncias alcoólicas a menores de idade como um ato ilegal e não necessariamente o psicoativo em si. Além disso, o termo “drogas” foi mencionado cinco vezes no total, reiterando o que já foi dito por Mikosz (2006), que esse termo, em nosso idioma, possui um significado pejorativo, sendo citado apenas para fazer referência aos ilícitos, algo que não aconteceu nas perguntas anteriores, que abordam substâncias lícitas. Também é importante citar que novamente os cogumelos foram mencionados, reforçando a ideia de que essa substância está em um “limbo” entre ser lícito ou ilícito. O mesmo acontece com a mescalina, um potente alucinógeno extraído do cacto *Trichocereus peruvianus*, utilizado em rituais de cura no norte do Peru, seu uso já ocorreu por diversas culturas e civilizações pré colombianas o longo da história (CAROD-ARTAL e VÁSQUEZ-CABRERA, 2006, p. 489).

A Maconha ou *Cannabis*, é uma planta originária da Ásia Central, e que possui uma grande facilidade para adaptar-se a diferentes climas, altitudes e tipos de solo. O uso desse

psicoativo, pode causar euforia leve, alterar a percepção do tempo e da distância, bem como o senso de organização corporal. O tetraidrocanabinol (THC), é o seu principal princípio ativo, contudo a mesma também apresenta o canabidiol (CBD), substância que não possui algumas propriedades terapêuticas (GONTIÈS e ARAÚJO, 2003, p. 48).

A cocaína por sua vez, é uma substância estimulante do SNC e considerando outros psicoativos, seu uso é recente na história da humanidade. Sendo extraída da *Erythroxylum coca*, o hábito de mascar a sua folha já fazia parte da cultura Inca, antes mesmo da chegada dos espanhóis na região. O seu uso prolongado, pode causar depressão, desmotivação, irritabilidade crônica, ansiedade, sensação de que está sendo perseguido e risco de suicídio (ARAÚJO e JUNIOR, 2007, p. 316).

O LSD, é um psicoativo derivado do ácido lisérgico e foi sintetizado pela primeira vez por Albert Hoffman em 1938. Contudo, suas propriedades alucinógenas só foram descobertas anos depois, em 1943, quando Hoffman, absorveu acidentalmente pela pele, uma pequena quantia dessa substância. Também já foi usado experimentalmente em pesquisas psiquiátricas e em tratamentos psicoterapêuticos. Chegou a ser usado com fins espirituais e recreativos nos anos 60, mas devido ao seu abuso, passou a ser considerada ilegal. O LSD, é um dos alucinógenos mais potentes que se conhece e seu uso pode causar alterações nas percepções da realidade, bem como ansiedade, psicose e depressão (ESPERANCINHA e ALBA, 2015, p. 50-51).

Já o ecstasy, é uma droga muito consumida em festas, devido aos seus efeitos, sendo que os principais são: euforia, sensação de bem-estar, aumento do estado de vigília e de alerta, empatia, aumento da autoestima e da sensualidade e elevação do humor. Contudo, também pode provocar efeitos negativos, como aumento da frequência cardíaca, ansiedade, náuseas, vômito, aumento da pressão arterial, agressividade, depressão e psicose. Esse psicoativo, costuma ser vendido na forma de comprimidos, possuindo as mais diversas cores, tamanhos e formatos (ESPERANCINHA e ALBA, 2015, p. 54-55).

A próxima pergunta questionava o que os participantes achavam de usuários de substâncias ilícitas, obteve-se as mais diversas respostas e novamente, com os mais variados sentidos. Começaremos pela seguinte: *Pessoas utilizam de forma recreativa ou se tornam dependentes das mesmas, por ignorância ou por falta de assistência social/familiar/emocional/financeira na qual utiliza como um meio de fuga.* Tal resposta não aponta necessariamente uma caracterização do usuário de substâncias ilícitas, mas traz alguns dos possíveis motivos que levam alguém a realizar esse uso, sendo elencadas causas

que perpassam por diversas esferas da vida humana, o que nos leva a questionar se uma pessoa começa a usar algum ilícito realmente por ignorância, ou se existe um conjunto de fatores que leva um sujeito a utilizar uma droga considerada ilegal.

Precisamos nos perguntar se esse conjunto de fatores pode agir de uma maneira que cria a necessidade de fuga, ou ainda, produz a própria ignorância sobre as possíveis consequências do uso de ilícitos. E ainda, se não é a proibição em si, aliada com a falta de políticas de redução de danos que provocam essa desinformação, o que por sua vez pode levar o usuário à dependência. Também é necessário ressaltar que o viés repressivo existente pode reforçar esse ciclo, uma vez que estigmatiza e marginaliza o dependente, pintando-o muitas vezes como inimigo ou ainda causa de todos os problemas sociais. O interessante dessa resposta é que ela não coloca o usuário dentro de uma “caixa”, não o limita às causas de uso, pelo contrário, apresenta diferentes motivos para o mesmo, e ao fazer referência a tantas categorias que tocam em questões sociais, fica implícito que as experiências de vida de uma pessoa estão relacionadas com o fato de ela usar ou não algum psicoativo.

Ainda nesse sentido, temos a afirmação: *eu acho que cada um escolhe as coisas para fazer dependendo das experiências de vida*; a partir desta resposta é possível deduzir que a motivação para o uso de ilícitos pode ser subjetiva e esta é construída justamente pela vivência do sujeito. O que por sua vez, irá ocorrer em convívio com a sociedade. Então podemos dizer que o uso depende das experiências pessoais atreladas ao convívio social. É possível considerar então que é a sociedade que acaba por produzir a necessidade de consumo de drogas, não limitando o sujeito a suas escolhas.

Temos também, a seguinte resposta *Que não deviam usar, vivem em alegria falsa*. Afinal, o que seria uma alegria verdadeira? Existem vários estados de ânimo e se este (a alegria), fosse um estado tão facilmente alcançado, não se justificariam as práticas de consumo, largamente datadas em diferentes culturas, como já apresentado nesse trabalho. Não necessariamente precisa ocorrer a ingestão de uma substância para que alcancemos essa condição. Mas precisamos sim, preencher alguns fatores externos a nossa existência, para conseguir alcançá-la. Sejam aspectos de cunho social, como possuir uma boa relação com os amigos e família. Fatores biológicos, como ter acesso a água e comida. Até fatores que conversam com essas condições para garantir uma vida saudável, como moradia, saneamento básico e educação. Quando se diz que o usuário busca uma “alegria falsa”,

culpabiliza-se o indivíduo, deixando de questionar o papel que a sociedade tem na produção de certas necessidades, entre elas o uso de drogas.

Também houve respostas que possuíam um tom de julgamento, como *muitas vezes são pessoas sem autocontrole* ou ainda *Pessoas doentes. Pois estão num nível muito perigoso de consumo*. Percebe-se que os participantes, consideram o usuário como alguém sem capacidade de escolha, que já não possuem mais o controle do próprio corpo ou de suas decisões. Em paralelo temos *o usuário de drogas ilícitas fomenta o tráfico muito mais que um usuário de drogas lícitas*. Onde culpabiliza-se novamente o usuário, por escolher fazer o uso de algo ilegal, com isso contribuindo para o fortalecimento de todo um mercado clandestino, mas esquece-se que o mesmo só existe devido a proibição, a qual é mantida pelo próprio Estado. Novamente se considera o usuário, como um inimigo, mas não se olha para a possível culpa que a sociedade tem na sua criação.

Já na resposta *Vício ou recreação? Se for recreação qual a frequência? Qual droga está utilizando? Não tenho nada contra a maconha, ecstasy e lsd. Não são drogas para usar a qualquer momento do dia (exceto maconha). Sou totalmente contra a cocaína e outros tipos de droga, começa na recreação quando você menos percebe todos os "rolês" você vai estar querendo utilizar, mesmo que você não queira, os amigos querem. Sou totalmente contra o uso de cocaína. Mas infelizmente não consigo repassar o que penso aos amigos usuários*, pode-se notar que o participante relativiza as práticas e os motivos de consumo, possuindo inclusive um olhar de empatia com pessoas próximas que fazem o uso de algum ilícito, diferente de respostas como *Se tornam dependentes das substâncias e não respondem por si* ou ainda *muitas vezes são pessoas sem autocontrole*, nas quais se deduz que no momento em que o sujeito optar por consumir algum ilícito, estaria entrando em um caminho sem volta, onde o único resultado possível seria o vício. Novamente, considera-se que o usuário é alguém sem controle e sem o poder de decidir sobre o próprio consumo.

Além disso, também houve as seguintes respostas: *Cada um faz o que quer com o próprio corpo, desde que não atinja terceiros; Têm direito de usar desde que não interfiram na vida dos outros e Acho que cada pessoa é livre para utilizar o que quiser, desde que tenha consciência das consequências do seu uso, sabendo respeitar o próximo e a si mesmo*. Em todas elas têm-se uma defesa da autonomia do indivíduo em possuir o poder de decidir o que fazer com o próprio corpo, mas da mesma maneira que ocorreu com os lícitos, essa é uma autonomia limitada, sendo que ela acaba a partir do momento em que

o usuário provocaria algum dano social. Porém, por se tratar de ilícitos, cai-se novamente na questão da proibição. Sabe-se que a mesma causa diversos danos sociais, o que de acordo com as respostas deveria ser suficiente para que o usuário não utilizasse nenhum psicoativo ilícito, pois só em fomentar esse mercado, o usuário já estaria prejudicando outras pessoas. Mas novamente, cai-se no papel que a sociedade tem na criação da necessidade de usar algum psicoativo e também no sustento desse mercado ilegal. Sendo assim, deve-se pensar até que ponto a defesa de uma autonomia do usuário é válida, se não houver conjuntamente uma defesa de políticas públicas que busquem reduzir esses danos sociais, ou até mesmo, a defesa da própria legalização. Defender uma autonomia para o usuário, mas ao mesmo tempo fechar os olhos para essas questões é hipocrisia.

Para analisar a questão “Para você, quais as causas do uso de substâncias ilícitas”, optou-se por reunir as respostas em 7 grandes grupos distintos, sendo que em cada um destes, estão respostas que convergem para o mesmo sentido, da mesma maneira a qual foi feita com uma pergunta anterior semelhante, mas que tratava de substâncias lícitas. Os grupos são: uso para socializar; saúde; fuga; alterar o estado de consciência/fuga; recreação/vontade/diferentes estados de ânimo; suprir algo; não souberam opinar. Sendo assim, montou-se o gráfico abaixo (figura 13), onde consta o número total de respostas em cada um dos respectivos grupos.



Figura 13: Elaborado pelo autor

O grupo onde foi possível encaixar o maior número de respostas é o uso por “recreação/vontade/diferentes estados de ânimo”. Neste conjunto, foram alocadas respostas como o uso recreativo”, “uso por curiosidade”, “por vontade”, “por estresse”,

“para relaxar”, “para distrair”, “por insegurança”, “por desmotivação”, “por desejo”, entre outras. Ao todo, foram 74 respostas, sendo que todas elas convergem para estes mesmos sentidos. Lucas et al (2006), também encontrou a curiosidade como principal motivo para o uso de drogas, o menos uma vez na vida. Freitas, Nascimento e Santos (2012), apontam a busca por prazer como outra motivação. Já Botti, Lima e Simões (2010), trazem que entre os principais motivos para o uso de psicoativos estão a busca por diminuir o estresse, quebra da rotina e o uso para “curtir” os efeitos que a substância provoca. Ainda, de acordo com Oliveira et al. (2005), a curiosidade, a busca por diversão e por prazer são motivos que levam os estudantes a usar essas substâncias.

No segundo grupo foi possível encaixar mais respostas, foi o “alterar o estado de consciência/fuga”, sendo que 30 participantes apontaram respostas cujo o sentido conversava com essa temática. Entre as respostas estão “uso para fugir dos problemas”, “uso para fugir da realidade”, “alterar as percepções” e “busca por um estado de consciência alterado”. Santos (2012) diz que a busca por fugir de uma realidade difícil é um dos motivos que levam os jovens a consumirem algum psicoativo. Delmanto (2013), diz que historicamente sempre achou-se que esse era o motivo que levava determinado sujeito a usar algum tipo de droga. Porém, tem-se a ideia de que o usuário usa um psicoativo para fugir de uma suposta terrível e opressora realidade e que essa necessidade de fuga seria a causadora do uso de drogas. Contudo, por mais que exista sim a motivação devido a essa necessidade, esta não é a única existente. As próprias respostas encontradas nesse questionário caminham nesse sentido.

O grupo “saúde”, foi o terceiro com o maior número de respostas, sendo 28 ao total. Foram inseridas respostas como *uso por vício, uso por depressão, uso medicinal, transtornos psicológicos e problemas biológicos*. Pratta e Santos (2006) ao buscar os motivos que levam adolescentes a usarem substâncias psicoativas também encontrou o tratamento de problemas de saúde como uma das motivações. Já com relação ao uso por vício, esses mesmos autores dizem que considerando o uso histórico de drogas, esse fenômeno (o vício) é algo da época moderna, tanto que o fenômeno da adicção às drogas tornou-se algo preocupante nas últimas décadas do século XX, tornando-se um problema de saúde pública.

Já no “uso para socializar” foram inseridas respostas que faziam referência a: *uso para fazer parte de um grupo, para ser aceito, socialização e pressão social*, sendo que 19 participantes elencaram termos que convergiam para estes sentidos. Ortega-Pérez, Costa-

Júnior e Vasters (2011) ao tentarem traçar o perfil epidemiológico do uso de drogas em universitários, obtiveram dados semelhantes. Os autores encontraram ao todo 61 respostas que convergiam para este sentido, entre elas “o uso por influência de amigos”, “uso devido a festas” e “outros motivos sociais”. Ainda, uma pesquisa realizada por Pillon, O’Brien e Chavez (2005) aponta que um dos motivos para estudantes universitários realizarem o uso de psicoativos é o fato de amigos também o fazerem. Além disso, esses autores também constataram que estes estudantes acham mais fácil ter acesso a essas substâncias em festas, ou até mesmo com os próprios amigos. De acordo com Zeferino et al. (2015), a influência do outro está significativamente ligada ao consumo de drogas ilícitas, sendo que aqueles estudantes que possuem algum amigo que realiza o consumo de alguma substância ilícita, tem maior probabilidade de realizar o consumo de alguma droga quando comparados aos que não possuíam amigos consumidores.

Nos grupos restantes, não foi possível encaixar muitas respostas. Um participante apontou a sociedade como a causa dos usos de substâncias ilícitas. Já em “suprir algo, foram 4 respostas, sendo que todas comentavam sobre a necessidade do usuário de suprir a falta de alguma coisa. Por fim, 3 participantes não souberam opinar quais os possíveis motivos para que este uso aconteça.

Para realizar a análise da questão “Para você, quais as consequências do uso de substâncias ilícitas”, separaram-se as respostas em 9 grupos, sendo eles “dependência”, “danos físicos à saúde”, “danos sociais”, “alterações psicológicas”, “o uso pode ser benéfico”, “morte”, “nenhum dano”, “sem opinião”. O gráfico a seguir (figura 14), aponta todas as categorias, com seus respectivos números de respostas:

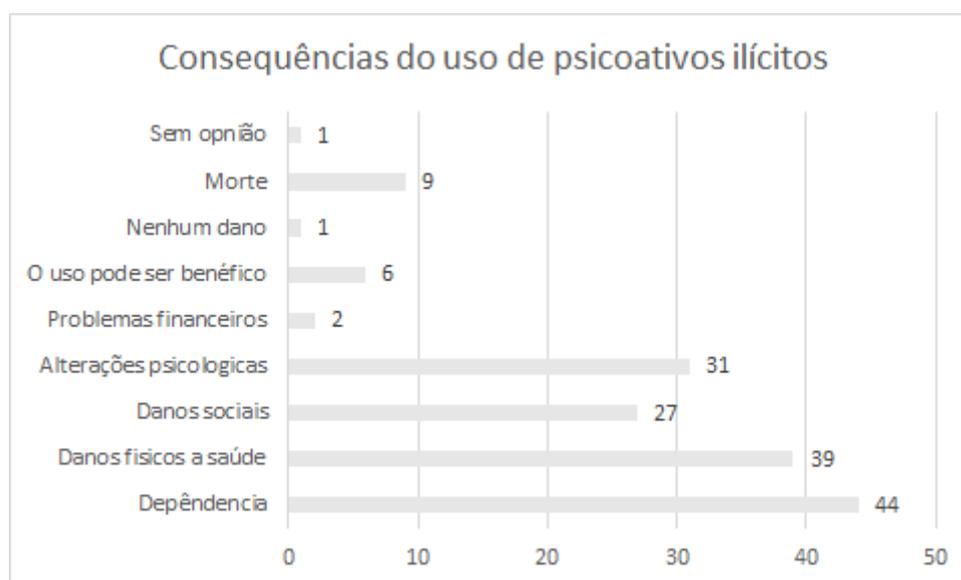


Figura 14: Elaborado pelo autor.

A possível consequência para o uso de ilícitos mais apontada foi a dependência. Esta é uma doença caracterizada pela busca e a incapacidade de resistir ao desejo de uso de um psicoativo, sendo que o usuário rejeita qualquer efeito ou evento adverso que esse uso possa provocar (SENAD, 2010, p.15). Zeferino e Fermo (2012) apontam que o vício é um fenômeno complexo e pode ser provocado pelo uso excessivo e contínuo de alguma substância, podendo ainda provocar danos pessoais, sociais, econômicos, familiares e a longo prazo, doenças. Essa patologia (o vício) pode ser: psicológica, a partir da qual o dependente irá procurar de forma compulsiva pelo uso de algum psicoativo; ou física, caracterizada pelo fato da falta de uma determinada substância provocar sintomas físicos ao usuário.

No conjunto “danos físicos à saúde” estão respostas como: *abalo nas funções motoras e fisiológicas; doenças; o uso prejudica a saúde; problemas renais; dificuldades em realizar atividades diárias; overdose*, entre outras. Heleno et al. (2018) cita que o uso de psicoativos pode trazer riscos à saúde, como comportamento sexual de risco, o que por sua vez pode provocar a disseminação de DSTs, além de distúrbios de sono, aumento da incidência de doenças infectocontagiosas, mudanças de hábito alimentar e até mesmo a morte. É interessante notar que nesta pesquisa também houve respostas que diziam que uma possível consequência do uso de psicoativos ilícitos é a morte, conversando com os apontamentos do autor citado anteriormente.

Heleno et al. (2018), também diz que o uso de substâncias psicoativas em universitários pode provocar experiências psicóticas, o que se assemelha com as respostas encaixadas no grupo “alterações psicológicas”. Oliveira et al. (2019) ao citar Cunha (2014) diz que os problemas psicológicos que o uso de substâncias psicoativas ilícitas pode causar varia conforme a substância que se utiliza. No caso da maconha, pode haver prejuízos na atenção e na memória, no processo de tomada de decisões, na velocidade psicomotora e na destreza manual. A cocaína por sua vez, pode provocar alterações na memória visual, na aprendizagem, na atenção, entre outros. O LSD também pode causar distúrbios na orientação viso-espacial, na flexibilidade mental, dentre outros. O ecstasy pode afetar o processo de resolução de problemas, a memória operacional, memória verbal e visual, entre outras consequências (OLIVEIRA et al., 2019, p. 152).

Com relação ao grupo dos danos sociais, obtivemos respostas como: *o uso leva a cometer crimes; é um incômodo a pessoas próximas; pode levar a degradação sócio-familiar; problemas de saúde pública* entre outras, todas conversando com esses sentidos.

Um estudo realizado por Araújo, Gonties e Nunes-Júnior (2007), que buscou entender as representações sociais que os universitários dão para a cocaína, encontrou que esse público acredita que esse psicoativo ilícito possa causar danos sociais, familiares e profissionais. Carvalho et al. (2009), também apontam a dificuldade em envolvimento em atividades grupais e o impedimento de participações em atividades sociais como algumas das percepções que universitários têm sobre as consequências do uso de psicoativos ilícitos. Abdalla (2014) também cita problemas psicossociais, perdas ocupacionais, conflito com familiares e possíveis sanções legais como consequência do uso de psicoativos.

5.1.5 Sobre as práticas de consumo de substâncias ilícitas

Quando indagados se já haviam feito o uso de alguma substância psicoativa ilícita ao menos uma vez na vida, 60 participantes (65,9%), responderam que sim, enquanto 31 (34,1%), responderam que não.

Com relação às substâncias utilizadas, tem-se que 59 participantes já utilizaram cannabis ao menos uma vez na vida. A segunda substância mais utilizada pelo menos uma vez durante a vida foi o ecstasy, sendo citado 29 vezes, logo após está o LSD, apontado um total de 28 vezes. A cocaína já foi utilizada por 21 participantes, enquanto os cogumelos por 8, no total. Ainda foram elencadas outras substâncias com uma frequência de uso menor, conforme aponta o gráfico abaixo (figura 15):

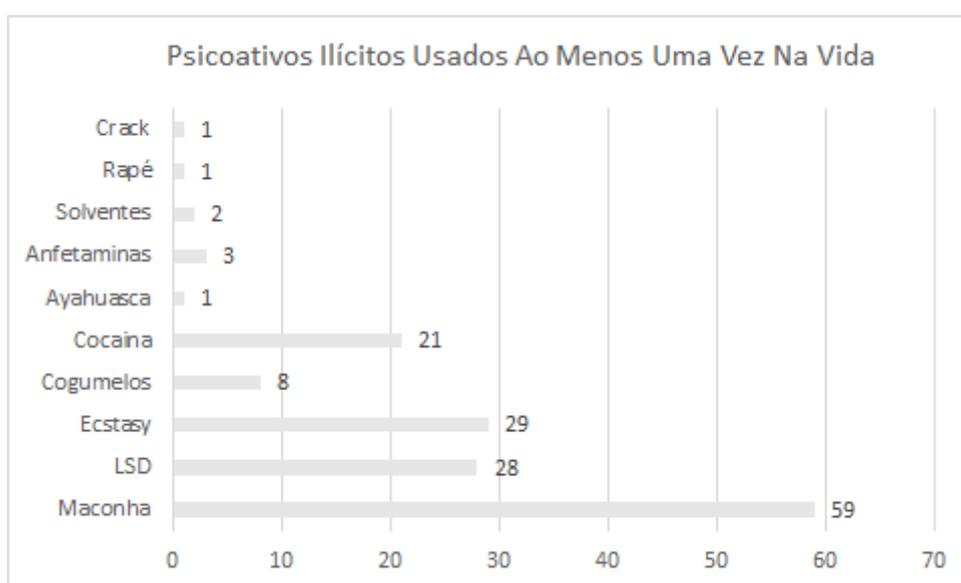


Figura 15: Elaborado pelo autor.

Com relação ao uso de psicoativos ilícitos nos últimos 12 meses, tem-se que 49 (53,8%) participantes fizeram uso nesse período, enquanto os outros 42 (46,2%), relatam não terem utilizado nenhuma substância. Dentre os ilícitos utilizados tem-se em primeiro lugar a *cannabis*, sendo apontada 49 (54%) vezes, posteriormente estão o ecstasy e o LSD, sendo mencionados 18 (19,8%) e 17 (18,7%) vezes, respectivamente. Ainda, em quarto lugar, está a cocaína, tendo sido utilizada por 7 (7,7%) participantes nesse respectivo período. Além disso, outras substâncias foram elencadas, como mostra o gráfico abaixo (figura 16):

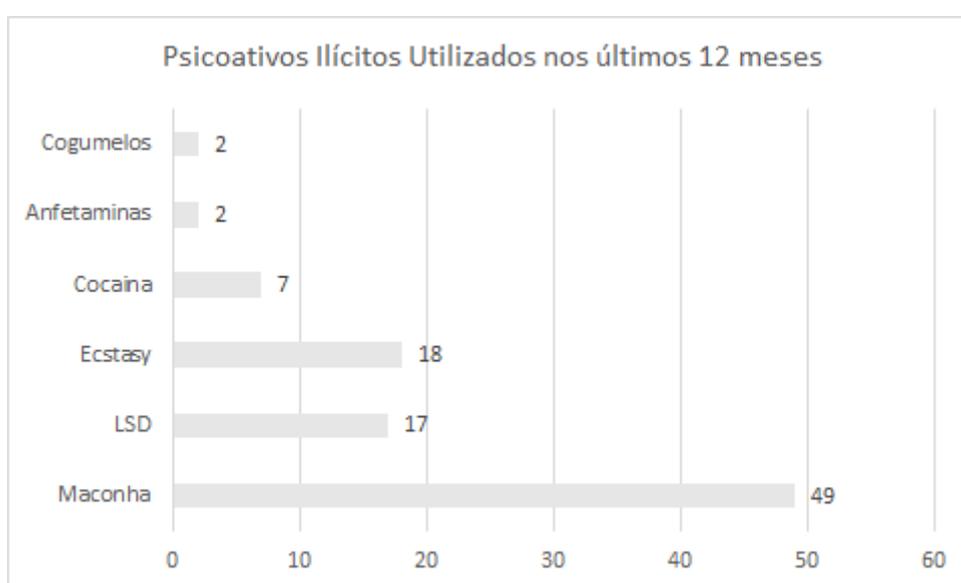


Figura 16: Elaborado pelo autor

Sobre o uso de ilícitos nos últimos 30 dias, os dados apontaram que 36 (39,6%), dos participantes o fizeram e os outros 55 (60,4%), não. Novamente, tem-se a maconha como ilícito mais utilizado, sendo que 35 participantes realizaram o seu uso. Substâncias com o ecstasy, o LSD e a cocaína, foram todas utilizadas por 5 participantes nesse período. Ainda, 1 pessoa relatou ter feito o uso de anfetaminas nesse mesmo espaço de tempo, conforme mostra o gráfico abaixo (figura 17):

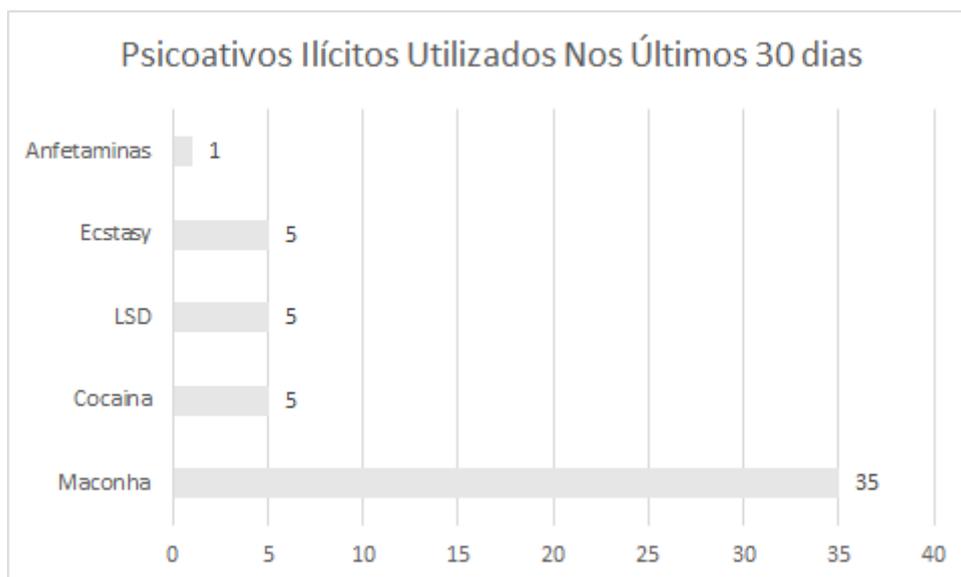


Figura 17: Elaborado pelo autor.

Para analisar a pergunta “Caso você faça uso regular de alguma substância psicoativa ilícita, qual esta substância e qual a frequência de uso”, montou-se a tabela abaixo (tabela 2):

Frequência de uso de substâncias ilícitas	
Frequência de uso	Maconha
Uso diário	X
1x na semana	X
3x na semana	X
4x na semana	X
Entre 1x a 2x na semana	X
Entre 4x a 5 vezes na semana	X
1x por mês	X
2x por mês	X
3x por mês	X
Entre 1x a 2x por ano	X

Diferente das respostas obtidas na pergunta que abordava esse assunto quando falamos de substâncias lícitas, aqui o único psicoativo elencado foi a maconha, sendo

mencionado ao todo por 25 (27,4%) participantes, porém com frequências de uso diferentes. Com relação ao uso diário, 14 (15,4%) participantes o fazem. Entre o uso semanal, as frequências de 3x na semana e 4x na semana obtiveram 1(1,1%) resposta cada. Este também foi o valor encontrado para os usos entre 1 a duas vezes por semana e entre 4 e 5 vezes por semana. Com relação ao uso mensal, obteve-se que o uso de 1 vez ao mês é feito por 2 (2,2%) dos participantes. As frequências de uso de 2 vezes por mês e 3 vezes por mês, tiveram 1 (1,1) resposta cada. Também houve 1 (1,1) participante que alegou fazer o uso entre 1 a 2 vezes por ano.

Ainda, teve-se um total de 60 (66%) de participantes que afirmaram não utilizar nenhuma substância ilícita com frequência. Esse número é próximo do encontrado na pergunta anterior, que tratava sobre o uso de ilícitos nos últimos 30 dias. Nela tem-se que 55 (60,4%) participantes alegam não terem feito o uso de nenhuma substância considerada ilegal nesse período. É importante dizer que ainda houve 6 (6,6%) respostas que não puderam ser utilizadas, seja por trazer apenas a substância que utiliza mas não a frequência, por apontar a frequência mas não o psicoativo que utiliza, ou ainda pela resposta não permitir mensurar a frequência de uso.

Por fim, quando questionados sobre seu posicionamento em relação a usuários de substâncias ilícitas, 53 (58,2%) participantes se declararam neutros, enquanto 17 (18,7%), favoráveis e os outros 21 (23,1%), desfavoráveis.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Podemos concluir que a humanidade sempre buscou usar algum tipo de psicoativo, independente do momento histórico, da cultura ou dos próprios motivos que levam a esse consumo, como foi amplamente apresentado. Além disso, como Siegel (2005) diz, ao travar uma guerra contra essas substâncias, de certa maneira estamos travando uma guerra contra nós mesmos, já que como afirma esse autor, possuímos 4 “drivers” que direcionam nossas motivações básicas, seriam eles a fome, a sede, o desejo sexual e o desejo por drogas. Além disso, como já mencionado, as substâncias que eram consideradas drogas nos séculos XVI e XVII estimularam as grandes navegações. Foi também nesse período que as chamadas drogas, deixaram de ter um uso mais local e cultural para se espalharem por todos os continentes, conseqüentemente ajudando na consolidação do mercantilismo e passando então a serem consideradas mercadorias e passando a ter um uso muito mais de caráter social do que religioso ou cultural.

Além disso, vimos que o termo “droga” mudou com o passar do tempo, sendo que alimentos como a pimenta, a noz moscada, a canela e outros, as chamadas especiarias eram consideradas drogas no tempo das navegações, mas seu significado acaba mudando com o passar do tempo. Atualmente, consideramos como droga qualquer substância que não é produzida pelo corpo mas possui a capacidade de atuar sobre os seus sistemas. Ainda, na língua portuguesa esse termo possui um significado pejorativo e no senso comum é usado para fazer referência às substâncias ilícitas, e justamente por possuir significado depreciativo, deve-se evitar usá-lo para fazer referência a psicoativos de uso com fins religiosos, como a ayahuasca.

Também foi apresentado que atualmente essas substâncias recebem algumas classificações, seja de acordo com a sua ação no organismo ou ainda jurídica. Na primeira, temos que uma droga pode ser derivada de algo natural, como o álcool e a maconha ou ainda de origem sintética, como os remédios usados para tratar distúrbios como a depressão e a ansiedade. Além disso, independente de ser natural ou sintética, um psicoativo pode agir como um estimulante, como depressor ou ainda como um perturbador do SNC, tudo irá variar de acordo com a substância utilizada.

Na classificação jurídica, temos as drogas lícitas, ou seja, aquelas que o uso e a comercialização são permitidos e regulados, como a cafeína e o tabaco. E as drogas ilícitas, onde ao contrário do grupo anterior, estão substâncias consideradas ilegais, onde não se regula o uso nem a comercialização. Contudo, essa falta de regulamentação por parte do

Estado, não impede que as mesmas sejam vendidas e consumidas, o que por sua vez contribui para o surgimento de todo um mercado clandestino, que põe em risco o usuário. Como não existe nenhuma fiscalização na fabricação dessas substâncias por parte do estado, os usuários ficam a mercê de traficantes que podem vender substâncias alteradas, o que por sua vez traz consequências ainda mais graves à saúde daquele que realiza o uso de algum ilícito.

Além disso, como já mencionado por David Nutt (2006), que criou um ranking de danos sociais e danos para o usuário que alguns psicoativos provocam, fica claro que não necessariamente por algo ser lícito é menos prejudicial que alguma substância considerada ilícita. Como Carneiro (2018) aponta, essa divisão jurídica é baseada muito mais em moralismo do que em um critério claro de potencial de dependência ou de toxicidade de uma determinada substância. Como Silveira e Doering-Silveira (2018) muito bem apontam, para uma substância ser considerada perigosa ou até mesmo inofensiva, não necessariamente deve-se focar na substância em si, mas em como ocorre o seu consumo. Se este é abusivo ou não.

É evidente que existem substâncias que possuem um potencial de vício muito mais elevado que outras, isso ocorre se compararmos por exemplo o crack com a maconha. Ambos são ilícitos, mas o crack possui uma capacidade de deixar quem o utiliza dependente muito maior do que a maconha. Contudo, mesmo com o fato de ambas serem substâncias ilegais, seu uso ocorre. O que pode indicar que a proibição não é o melhor caminho a se seguir. Ainda, a história nos traz exemplo de outras épocas, em que houve a proibição de algum psicoativo e isso apenas trouxe mais consequências negativas, como a lei seca dos Estados Unidos, que por volta dos anos de 1920 proibiu o consumo e a comercialização do álcool. Essa proibição não acabou com o uso desse psicoativo, mas acabou criando uma rede de venda clandestina, que trouxe várias consequências sociais e à saúde de usuários.

É válido dizer que não defendemos um uso descabido de substâncias ilícitas ou lícitas, até porque independente de qual seja a sua classificação, se o seu uso ocorrer de maneira abusiva certamente irá trazer consequências negativas para o usuário. O que defendemos é a criação de critérios objetivos e claros para todas as substâncias psicoativas. Também a criação de políticas de redução de danos para as mesmas. Tomamos como exemplo o álcool no ranking de Nutt (2006). Esta substância foi a que ficou em primeiro quando se considera todos os potenciais de dano total (soma de danos sociais e danos ao usuário). Sendo assim, por que não se criar uma política que busque informar a população

que a consome de todos os seus possíveis riscos? Este movimento poderia ser feito da mesma maneira que se faz atualmente com os cigarros, sendo que nas próprias carteiras vendidas estão imagens que trazem os possíveis danos que essa substância traz aos usuários. Por que não se pensar em algo semelhante para o álcool? Pode ser que ao realizar essa ação o consumo não irá necessariamente diminuir, mas poderá de alguma forma conscientizar o usuário daquilo que está utilizando.

Algo semelhante poderia ser feito em relação às drogas consideradas ilícitas. Atualmente temos vários países legalizando a maconha, por que não pensar em uma ação semelhante? De início não necessariamente a legalização, mas quem sabe a própria descriminalização ou ainda a liberação do seu uso medicinal. Talvez essas ações ajudariam a acabar com alguns estigmas que caem sobre os usuários dessa substância. Com relação às demais substâncias ilícitas, são necessários mais estudos que apontem maneiras e direções a se seguir, já que mesmo com a proibição seu uso acontece e colabora para o fortalecimento do narcotráfico, trazendo diversos danos sociais. Novamente, não defendemos o uso desmedido de qualquer substância, seja lícita ou ilícita, mas sim o fim da hipocrisia existente com relação aos psicoativos. Porém, infelizmente como apontam Simões (2008) e Fiore (2012), o Estado se limita a pedir ou obrigar seus cidadãos a não usarem as substâncias consideradas ilícitas e encara esse assunto como um problema de ordem social que pode ser resolvido por meio de repressão.

Segundo a UNODC, 5,6% da população com idade entre 15 e 64 anos utilizam algum tipo de droga, já Laikovski (2015) diz que é a entrada na vida universitária que leva muitos jovens a fazer uso de algum psicoativo, seja ele lícito ou ilícito. Que muitas vezes o fazem por curiosidade. Inclusive, a curiosidade foi um dos motivos apontados pelos participantes para o uso de psicoativos legalizados ou não, o que de certa maneira conversa com o que esse autor nos diz. Ainda sobre os motivos que levam alguém a consumir alguma substância, temos respostas semelhantes entre os lícitos e os ilícitos. Em ambos os grupos, foram apontadas motivações como “o uso por curiosidade”; “por recreação”, “como mecanismo de fuga”, “para socializar”; “por vontade”, entre outras. O que demonstra que para aquelas pessoas que participaram da pesquisa, as motivações de uso para qualquer tipo de psicoativo são semelhantes, não mudando mesmo que a categoria jurídica de classificação as coloque em dois extremos. As respostas para ambas as perguntas foram tão semelhantes que foi possível criar os mesmos grupos de categorização de resposta para ambas.

Já sobre a percepção do que é algo considerado lícito ou ilícito, também houve pouca variação entre as respostas, sendo que no primeiro grupo todos os participantes mencionaram que trata-se de algo dentro da lei ou ainda algo que tem sua comercialização e uso permitidos. Com relação ao segundo grupo, grande maioria dos participantes relatou corretamente do que se tratam essas substâncias, sendo dito que são substâncias ilegais e com venda e uso proibidos pelo Estado. Apenas um participante disse que substâncias ilícitas são aquelas permitidas por lei, citando exemplos como o álcool e o tabaco, o que por sua vez indica uma percepção equivocada sobre essa classificação. Contudo, é interessante falar que dentro dos lícitos não houve essa troca, sendo que esse participante, assim como os demais apontou corretamente o que são substâncias lícitas. Devido a isso, pode-se dizer que possivelmente o participante interpretou de maneira errada a questão, mas não necessariamente que o mesmo não saiba do que se tratam substâncias ilícitas.

Já sobre as substâncias que os participantes elencaram, temos que as mais citadas entre os ilícitos foram a maconha, a cocaína, o LSD e o ecstasy, exatamente nessa ordem. Também houve participantes que apontaram substâncias lícitas como o álcool e o tabaco. Voltando ao que citamos anteriormente sobre a terminologia “droga” ter um sentido pejorativo em nosso idioma e ser associada apenas a substâncias ilegais, foi possível constatar que 5 participantes utilizaram esse termo em uma questão sobre os ilícitos e o mesmo não apareceu na pergunta de mesmo sentido sobre substâncias lícitas, na qual tivemos como substâncias mais citadas o álcool, o tabaco, a cafeína e os remédios, nessa respectiva ordem.

Nesse ponto também é válido falarmos que toda vez que substâncias como os remédios foram mencionadas se fazia alusão ao uso médico e a necessidade do usuário de tomá-los por condições de saúde. Isso nos diz que alguns participantes possuem uma percepção mais ampla sobre o conceito de psicoativos.

Com relação às consequências do uso de psicoativos, novamente obtivemos respostas semelhantes entre os lícitos e os ilícitos, sendo que foi possível criar grupos de classificações parecidos. Em ambos apareceram respostas como a dependência, danos físicos à saúde e alterações psicológicas, danos sociais, problemas financeiros, entre outros. Porém, no grupo dos ilícitos, foi apontada como uma das consequências a morte do usuário, o que não necessariamente aparece na mesma questão que aborda os ilícitos. Porém, nesse segundo grupo foram citadas respostas como “acidentes”, o que por sua vez pode causar a

morte do usuário ou de terceiros, então de certo modo essa consequência (a morte) é apontada de maneira menos direta e mais subjetiva.

Sobre os práticas de consumo, temos que 98.9% dos participantes já haviam feito uso de algum lícito ao menos uma vez na vida. Houve apenas um participante que declarou nunca ter utilizado nenhuma substância dessa categoria, porém, não foi possível mensurar o que esta pessoa considera como psicoativo lícito. Será que a mesma acredita que apenas substâncias como o tabaco e o álcool são psicoativos? Talvez deixando de lado outras substâncias como a cafeína, os remédios e o próprio açúcar. Ou será que realmente este participante nunca fez uso de nenhuma dessas substâncias? Infelizmente não conseguiremos responder estes questionamentos nesta pesquisa, para isso são necessários mais estudos com o público alvo em questão. Para os ilícitos esse total é de 65,9% sendo que nesta categoria a chance de ocorrer uma “confusão” sobre ter ou não feito o consumo é menor, uma vez que as substâncias ilícitas não são tão presentes em nosso dia-a-dia como as lícitas. Não vemos na TV nenhuma propaganda referente à venda de *Cannabis*, como vemos de café, por exemplo.

Já para o uso nos 12 meses anteriores à pesquisa, obtivemos um total de 54% das respostas alegando terem feito uso de ilícitos nesse período. Para os ilícitos esse total é de 94.5%, revelando novamente uma discrepância entre a utilização de substâncias dessas duas categorias. Para o uso nos últimos 30 dias, obteve-se que 84,6% dos participantes alegaram terem usado alguma substância lícita nesse período, já para os ilícitos esse valor é de 39,6%.

Ainda, é interessante falarmos que dentro do uso de lícitos, independente da faixa temporal analisada, as duas substâncias com maior recorrência de uso foram o álcool e o tabaco. Já para os ilícitos temos diferenças de substâncias dependendo da faixa de tempo que se olha. Dentro do uso ao menos uma vez na vida e uso nos últimos 12 meses, os dados apontam a maconha e o ecstasy como mais recorrentes. Já no período dos últimos 30 dias anteriores à pesquisa a maconha aparece em primeiro lugar. Enquanto o ecstasy, a cocaína e o LSD aparecem com a mesma recorrência em segundo lugar, sendo que todas foram utilizadas por 5 participantes nessa faixa temporal. Dada a semelhança da frequência de uso das três últimas substâncias, é possível que algum grupo de amigos tenha participado de algum evento/festa e optou por utilizar em conjunto essas mesmas substâncias. Porém, são necessárias mais pesquisas com o mesmo público para que seja possível chegar a uma

conclusão real. Ainda, dentro do grupo das ilícitas, a *Cannabis* foi a substância que teve seu uso mais recorrente nos três períodos de tempo.

Com relação à frequência de uso de substâncias lícitas, constatou-se que psicoativos como o tabaco, os remédios, a cafeína e o açúcar, são usados diariamente, não se obtendo nenhum outro padrão de consumo dessas substâncias. Já o álcool não teve nenhuma resposta apontando o seu uso diário mas foi a substância que mais teve diversidade em sua frequência de uso. O que nos leva a refletir sobre como esse psicoativo é visto e incentivado socialmente. Também houve um participante que alegou utilizar essa substância para se distrair das pressões da vida, recaindo nas motivações para o uso dessa substância, sendo que a procura por conforto ou a fuga de uma realidade por vezes complicada levam a este consumo. Ainda, não houve nenhum participante que diz utilizar o álcool diariamente.

Para a frequência de uso de substâncias ilícitas, temos como única substância elencada a maconha, sendo que assim como o álcool foram mencionadas diversas frequências de uso. Ainda 14 (15.4%) dos participantes alegaram fazer uso desta substância diariamente, o que nos leva a refletir se os mesmos já não possuem uma dependência sobre esse psicoativo, contudo, para responder a isto com mais exatidão, são necessários mais estudos dentro das mesmas universidades. Porém, é extremamente importante ressaltarmos que o número de pessoas que diz fazer o uso de *cannabis*, independente da frequência é de 25 (27.4%) pessoas. Com isso e considerando o total de participantes (91), podemos dizer dentro das universidades federais que foram alvo dessa pesquisa não existem apenas maconheiros, como infelizmente é dito pelo senso comum. O número de usuários de álcool (independente da frequência), é muito maior que o de usuários de *cannabis*, chegando a 41 (45%) participantes. Dessa maneira e baseando-se exclusivamente nos dados obtidos, pode-se dizer que existe um número muito maior de usuários de álcool do que de maconha dentro das universidades federais pesquisadas. Sendo assim, esta pesquisa comprova que os jargões de senso comum estão equivocados, pois no que diz respeito ao grupo pesquisado, teríamos ao invés de estudantes usuários de maconha, usuários de álcool. Se for para generalizar e dizer que dentro das federais só existem drogados, seria mais coerente falar que são todos “alcoólatras” do que “maconheiros” (uma vez que usuários eventuais são rotulados como viciados).

Por fim, podemos dizer que os dados apresentados contribuem para a literatura de uso de psicoativos em universitários, ainda mais quando consideradas as pesquisas

realizadas na região do sudoeste do Paraná, que pelo levantamento realizado até então, são inexistentes. Ressalta-se ainda, que são necessários mais estudos que busquem corroborar com informações aqui apresentadas.

Mas indo além, é necessário refletirmos sobre as causas que levam alguém a usar algum psicoativo, seja ele lícito ou ilícito. O uso recreativo, muitas vezes não traz danos. As consequências aparecem quando se faz o uso abusivo de psicoativos, sendo assim é necessário pensarmos quais os fatores que levam alguém a querer fazer esse uso abusivo. Com substâncias com alto poder de dependência como o crack e a heroína, faz-se necessário pensar o que leva um sujeito a usá-las. Será que é simplesmente a curiosidade ou existem fatores maiores atrelados a esse uso, tais como problemas sociais? Ainda, precisamos conseguir entender o que cria a necessidade de fuga que faz com que muitas pessoas procurem o uso de substâncias. E também, até que ponto a sociedade é culpada por criar esses usuários tanto de lícitos quanto de ilícitos. Será que a falta de assistência social está associada a isso? Ou ainda, até que ponto a falta de recursos como o saneamento básico e educação ou até mesmo falta de perspectiva de vida estão relacionados com as motivações para o uso.

Não menos importante, precisamos urgentemente repensar a proibição como “solução” para acabar com o uso de ilícitos, já que mesmo com a existência dela o uso ocorre nos mais diversos locais do nosso país. Até que ponto a própria proibição é culpada por criar a desinformação das possíveis consequências que o uso de ilícitos pode trazer e como isso influencia no surgimento de novos usuários? Será que um viés de redução de danos não seria muito mais eficaz que a proibição? Infelizmente com essa pesquisa não iremos conseguir responder a esses questionamentos, para isso são necessárias muito mais pesquisas em âmbito nacional e quem sabe até mesmo em nível mundial.

Por fim, queremos deixar exposto a você leitor, a grande necessidade de reflexões acerca desse tema, temos que acabar com a hipocrisia que cerca o assunto e buscarmos soluções alinhadas com os direitos humanos e os direitos de uso. Afinal, como já amplamente apresentado, às drogas (lícitas e ilícitas) sempre existiram e sempre fizeram parte da nossa cultura, dificilmente elas deixariam de existir algum dia. Dessa maneira, pode-se dizer que possivelmente o viés proibicionista e repressivo que atualmente existe em muitos países não é o mais correto e nem o mais efetivo para tratar dessa temática.

REFERÊNCIAS

ABDALLA, Marcella Beatriz Ayer. **Uso de substâncias psicoativas entre estudantes universitários da área da saúde e avaliação de gravidade de problemas através do instrumento DUSI-R**. 2014. 82 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Medicina, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2014. Disponível em: <<http://pgsm.fmrp.usp.br/wp-content/uploads/2014/11/MESTRADO-MARCELLA-BEATRIZ-AYER-ABDALLA.pdf>>. Acesso em: 29 out. 2019.

ALARCON, Sergio; JORGE, Marco Aurelio Soares (Org.). **Álcool e outras drogas: diálogos sobre um mal-estar contemporâneo**. [s.i]: Fundação Oswaldo Cruz, 2012. Disponível em: <<https://books.google.com.br/books?id=Y-RIDwAAQBAJ&printsec=frontcover&hl=pt-BR#v=onepage&q&f=false>>. Acesso em: 04 set. 2019.

ARAÚJO, Ludgleydson Fernandes de; NUNES JÚNIOR, Jonsos; GONTIÉS, Bernard. Representações sociais da cocaína: estudo comparativo entre universitários das áreas de saúde e jurídica. **Estudos de Psicologia**, Campinas, v. 3, n. 24, p.315-323, jun. 2007. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/estpsi/v24n3/a03v24n3>>. Acesso em: 29 out. 2019.

BOTTI, Nadja Cristiane Lappann; LIMA, Adriano Ferreira Duarte de; SIMÕES, Willy Moreira Batista. Uso de substâncias psicoativas entre acadêmicos de enfermagem da Universidade Católica de Minas Gerais. **Revista Eletrônica Saúde Mental Álcool e Drogas**, [s.i], v. 6, n. 12, p.1-13, Não é um mês valido! 2010. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/smad/v6n1/13.pdf>>. Acesso em: 29 out. 2019.

BRASIL. Cebrid (Org.). **VI Levantamento Nacional sobre o Consumo de Drogas Psicotrópicas entre Estudantes do Ensino Fundamental e Médio das Redes Pública e Privada de Ensino nas 27 Capitais Brasileiras**. São Paulo: Senad, 2010. 506 p. Disponível em: <<https://www.cebrid.com.br/wp-content/uploads/2012/10/VI-Levantamento-Nacional-sobre-o-Consumo-de-Drogas-Psicotr%C3%B3picas-entre-Estudantes-do-Ensino-Fundamental-e-M%C3%A9dio-das-Redes-P%C3%BAblica-e-Privada-de-Ensino-nas-27-Capitais-Brasileiras.pdf>>. Acesso em: 04 set. 2019.

_____. Fiocruz. Ministério da Saúde. **III Levantamento Nacional Sobre o Uso de Drogas pela População Brasileira**. [s.i]: Senad, 2017. 528 p. Disponível em: <https://www.arca.fiocruz.br/bitstream/icict/34614/1/III%20LNUD_PORTUGU%c3%8aS.pdf>. Acesso em: 04 set. 2019.

_____. Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia Para Políticas Públicas de Álcool e Outras Drogas. **II Levantamento Nacional de Álcool e Drogas**. São Paulo: Unifesp,

2012. 85 p. Disponível em: <<https://inpad.org.br/wp-content/uploads/2014/03/Lenad-II-Relat%C3%B3rio.pdf>>. Acesso em: 04 set. 2019.

_____. Secretaria Nacional de Políticas Sobre Drogas (Org.). **I Levantamento Nacional sobre o Uso de Álcool, Tabaco e Outras Drogas entre Universitários das 27 Capitais Brasileiras**. Brasília: Senad, 2010. 282 p. Disponível em: <<http://www.cisa.org.br/userfiles/ILevantamentoNacionalUniversitario.pdf>>. Acesso em: 04 set. 2019.

BULFINCH, Thomas. Introdução. In: BULFINCH, Thomas. Livro de ouro da mitologia: histórias de Deuses e Heróis. 26. ed. [s.i]: Ediouro Publicações S.a., 2002. Cap. 1. p. 06-18.

CARLINI, Elisaldo Araújo et al. Drogas psicotrópicas: o que são e como agem. **Revista Imesc**, São Paulo, v. 3, n. 3, p.9-35, 2001. Disponível em: <http://www.gruponitro.com.br/atendimento-a-profissionais/%23/pdfs/artigos/multidisciplinares/efeito_das_drogas_psicotropicas_no_sn_c.pdf>. Acesso em: 21 jun. 2019.

CARNEIRO, Henrique Soares. As drogas a luz do dia: o controle social e o uso político dos psicoativos. In: RODRIGUES, Thiago. **Narcotráfico: uma guerra na guerra**. São Paulo: Pucsp, 2003. p. 300-304. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/verve/article/viewFile/4976/3524>>. Acesso em: 04 set. 2019.

_____. As drogas e a história da humanidade. Revista Diálogos , [s.i], v. 5, n. 3, p.01-02, nov. 2009.

_____. Autonomia ou heteronomia dos estados alterados de consciência. In: LABATE, Beatriz Caiuby et al (Org.). **Drogas e Cultura: novas perspectivas**. São Paulo: Fapesp, 2008. p. 65-91. Disponível em: <<https://repositorio.observatoriodocuidado.org/handle/handle/503>>. Acesso em: 22 set. 2019.

_____. **Bebidas alcoólicas e outras drogas na época moderna: Economia e embriaguez do século XVI ao XVIII**. [S/I]. Disponível em: <http://www.neip.info/downloads/t_henrique_historia.pdf>. Acesso em: 29 out. 2019.

_____. **Drogas: A história do proibicionismo**. São Paulo: Autonomia Literária, 2019. 541 p

_____. História: Questões & Debates, Curitiba, n. 42, p. 71-80, 2005. Comida e sociedade: significados sociais na história da alimentação. **História: Questões & Debates**,

Curitiba, v. 42, n. 42, p.71-80, 2005b. Disponível em: <<https://revistas.ufpr.br/historia/article/view/4640/3800>>. Acesso em: 21 jun. 2019.

_____. Transformações do significado da palavra "droga": das especiarias coloniais ao proibicionismo contemporâneo. In: CARNEIRO, Henrique; VENÂNCIO, Renato Pinto (Org.). **Álcool e drogas na história do Brasil**. Belo Horizonte: Pucminas, 2005a. p. 11-29. Disponível em: <<https://www.passeidireto.com/arquivo/20272917/alcool-e-drogas-na-historia-do-brasil>>. Acesso em: 04 set. 2019.

CAROD-ARTAL; VÁZQUEZ-CABRERA. Mescalina y ritual del cactus de san Pedro: evidencias arqueológicas y etnográficas en el norte de Perú. **Revista Historia y Humanidades**, [s.i], v. 8, n. 42, p.489-498, jan. 2006.

CARVALHO, Ana Maria Pimenta et al. Normas percebidas por estudantes universitários de três carreiras, da área da saúde, sobre o uso de drogas entre seus pares. **Revista Latino-americana de Enfermagem**, São Paulo, v. 17, n. , p.900-906, nov. 2009. Disponível em: <<https://www.redalyc.org/pdf/2814/281421913022.pdf>>. Acesso em: 29 out. 2019

CARVALHO, Jonatas Carlos. In: semana de história e III seminário nacional de história: política, cultura e sociedade, 6., 2011, Rio de Janeiro. Uma história política da criminalização das drogas no Brasil: a construção de uma política nacional.. Rio de Janeiro: Ufrj, 2011. 17 p.

CHIAPETTI, Nilse; SERBENA, Carlos Augusto. Uso de Álcool, Tabaco e Drogas por Estudantes da Área de Saúde de uma Universidade de Curitiba. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, Maringá, v. 2, n. 20, p.303-313, 2007. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/prc/v20n2/a17v20n2.pdf>>. Acesso em: 25 out. 2019.

CRIVES, Miranice Nunes dos Santos; DIMENSTEIN, Magda. Sentidos produzidos acerca do consumo de substâncias psicoativas por usuários de um Programa Público. **Saúde e Sociedade**, Rio Grande do Norte, v. 2, n. 12, p.26-37, jun. 2003. Disponível em: <<https://www.scielo.org/pdf/sausoc/2003.v12n2/26-37/pt>>. Acesso em: 25 out. 2019.

DUARTE, Danilo Freire. Uma Breve História do Ópio e dos Opióides. **Rev Bras Anestesiologia** , Florianópolis, v. 55, n. 1, p.135-146, 2005.

ECKSCHMIDT, Frederico; ANDRADE, Arthur Guerra de; OLIVEIRA, Lúcio Garcia de.
Comparação do uso de drogas entre universitários brasileiros, norte-americanos e jovens da população geral brasileira. **J. bras. psiquiatr.** , Rio de Janeiro , v. 62, n. 3, p. 199-207, set. 2013 . Disponível em

<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0047-20852013000300004&lng=p&t&nrm=iso>. acessos em 05 out. 2018.
<http://dx.doi.org/10.1590/S0047-20852013000300004> .

ESPERANCINHA, Catarina de Deus; ALBA, María Eugenia Gallardo. **Avaliação do Consumo de Cannabis, LSD, Anfetaminas e Outras Drogas Design por Estudantes Universitários:** Experiência Profissionalizante na vertente de Farmácia Comunitária e Investigação. 2015. 101 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Ciências Farmacêuticas, Universidade da Beira Interior, Covilhã, 2015. Disponível em: <https://ubibliorum.ubi.pt/bitstream/10400.6/5279/1/4396_8479.pdf>. Acesso em: 29 out. 2019

FERNANDES, Thaís Ferraz et al. Uso de substâncias psicoativas entre universitários brasileiros: perfil epidemiológico, contextos de uso e limitações metodológicas dos estudos. **Caderno de Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 4, n. 25, p.498-507, 2017. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/cadsc/v25n4/1414-462X-cadsc-25-4-498.pdf>>. Acesso em: 25 out. 2019.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo dicionário da língua portuguesa**. Curitiba, 2009.

FIGUEIREDO, Regina; FEFFERMANN, Marisa; ADORNO, Rubens (Org.). **Drogas & Sociedade Contemporânea:** perspectivas para além do proibicionismo. São Paulo: Instituto de Saúde, 2017. Disponível em: <<https://www.passeidireto.com/arquivo/47450549/livro-drogas-final-2017>>. Acesso em: 04 set. 2019.

FIORE, Maurício. Prazer e Risco: uma discussão a respeito dos saberes médicos sobre uso de “drogas. In: LABATE, Beatriz Caiuby et al (Org.). **Drogas e Cultura:** novas perspectivas. São Paulo: Fapesp, 2008. p. 141-155. Disponível em: <<https://repositorio.observatoriodocuidado.org/handle/handle/503>>. Acesso em: 22 set. 2019.

FREITAS, Rivelilson Mendes de; NASCIMENTO, Danelle da Silva; SANTOS, Pauline Sousa dos. Investigação do uso de drogas lícitas e ilícitas entre os universitários de Instituições do ensino superior (públicas e privadas), no município de Picos, Piauí. **Revista Eletrônica Saúde Mental Álcool e Drogas**, [s.i], v. 2, n. 8, p.79-86, maio 2012. Disponível em: <<http://www.periodicos.usp.br/smad/article/view/77395/81251>>. Acesso em: 29 out. 2019.

GASPARINI, Helena Demétrio. **USO DE DROGAS ENTRE ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS**. 2003. 126 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Psicologia, Universidade Católica Dom Bosco, Campo Grande, 2003.

GONTIÈS, B.; ARAÚJO, L. F. DE. Maconha: uma perspectiva histórica, farmacológica e antropológica. *Mneme - Revista de Humanidades*, v. 4, n. 07, 30 jun. 2010.

GUARINELLO Norberto Luiz, 1997, São Paulo. **A civilização do vinho**: Um ensaio bibliográfico. São Paulo: Usp, 1997. 4 p. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/anaismp/v5n1/09.pdf>>. Acesso em: 22 set. 2019.

GUARINELLO, Norberto Luiz. O Vinho: uma droga mediterrânea. In: LABATE, Beatriz Caiuby et al (Org.). **Drogas e Cultura**: novas perspectivas. São Paulo: Fapesp, 2008. p. 189-199. Disponível em: <<https://repositorio.observatoriodocuidado.org/handle/handle/503>>. Acesso em: 22 set. 2019.

HELENO, Camila Teixeira. O Uso de Substâncias Psicoativas por Universitários Trabalhadores. **Revista Psicologia, Diversidade e Saúde**, 7(3), 351-362. 2018 doi: 10.17267/2317-3394rpds.v7i3.1912

LAIKOVSKI, Giana Carla. In: Jornada institucional de políticas públicas, VII., 2015, São Luis. **O USO DE DROGAS E O PROIBICIONISMO**. Maranhão: UFMA, 2015. 13 p.

LINS, Mara Regina Soares Wanderley; SCARPARO, Helena Beatriz Kochenborger. Drogadição na contemporaneidade: Pessoas, famílias e serviços tecendo redes de complexidade. **Psicologia Argumentativa**, [s.i], v. 28, n. 62, p.261-271, jul. 2010. Disponível em: <<https://periodicos.pucpr.br/index.php/psicologiaargumento/article/view/20007/19295>>. Acesso em: 29 out. 2019.

LOPES, Gertrudes Teixeira et al. Dinâmicas de criatividade e sensibilidade na abordagem de álcool e fumo com adolescentes. **Revista de Enfermagem**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 20, p.33-38, jan. 2012. Disponível em: <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/enfermagemuerj/article/view/3972/2755>>. Acesso em: 25 out. 2019.

LUCAS, Ana Cyra dos Santos et al. Uso de psicotrópicos entre universitários da área da saúde da Universidade Federal do Amazonas, Brasil. **Caderno de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 3, n. 22, p.663-671, mar. 2006. Disponível em: <<https://www.scielo.org/pdf/csp/2006.v22n3/663-671/pt>>. Acesso em: 29 out. 2019.

MELONI, José Nino; LARANJEIRA, Ronaldo. Custo social e de saúde do consumo do álcool. **Rev. Bras. Psiquiatr.**, São Paulo, v. 26, supl. 1, p. 7-10, May 2004. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-

44462004000500003&lng=en&nrm=iso>. access on 29 Oct. 2019.
<http://dx.doi.org/10.1590/S1516-44462004000500003>.

MIKOSZ, José Eliezer. Substâncias psicoativas e religião. **Cadernos de Pesquisa Interdisciplinar em Ciências Humanas**, Florianópolis, v. 7, n. 79, p. 2-24, jun. 2008. ISSN 1984-8951. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/cadernosdepesquisa/article/view/2189>>. Acesso em: 29 out. 2019. doi:<https://doi.org/10.5007/2189>.

MONTEIRO, Maristela G.. Políticas públicas para a prevenção dos danos relacionados ao consumo de álcool. **Epidemiologia e Serviços de Saúde**, [s.l.], v. 25, n. 1, p.1-10, jan. 2016. Instituto Evandro Chagas. <http://dx.doi.org/10.5123/s1679-49742016000100017>. Disponível em: <<https://www.scielo.org/pdf/ress/2016.v25n1/171-174/pt>>. Acesso em: 29 out. 2019.

MORAES, Thiago Perez Bernardes de; TORRECILLAS, Geraldo Leopoldo da Silva. Vício em drogas, evolução e sociedade.: Um estudo sobre o vício partir da psicologia evolucionista.. **Antropo**, v. 32, n., p.99-109, 2014. Disponível em: <https://www.academia.edu/23905888/Vicio_em_drogas_evolu%C3%A7%C3%A3o_e_sociedade._Um_estudo_sobre_o_vicio_%C3%A1_partir_da_psicologia_evolucionista>. Acesso em: 29 out. 2019.

MOREIRA, Fernanda; RIBEIRO, Marcelo. História das drogas. 2015. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/283161503_Historia_das_drogas>. Acesso em: 22 set. 2018.

NÓBREGA, Maria do Perpétuo Socorro de Sousa et al . Policonsumo simultâneo de drogas entre estudantes de graduação da área de ciências da saúde de uma universidade: implicações de gênero, sociais e legais, Santo André - Brasil. **Texto contexto - enferm.** , Florianópolis , v. 21, n. spe, p. 25-33, 2012 . Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-07072012000500003&lng=en&nrm=iso>. access on 26 Nov. 2018.
<http://dx.doi.org/10.1590/S0104-07072012000500003>

NUNES, Sandra Odebrecht Vargas; CASTRO, Márcia Regina Pizzo de; CASTRO, Mário Sérgio Azenha de. Tabagismo, Comorbidades e Danos à Saúde. In: NUNES, Sandra Odebrecht Vargas; CASTRO, Márcia Regina Pizzo de. **Tabagismo: Abordagem, Prevenção e Tratamento**. Londrina: Editora da Universidade Estadual de Londrina, 2011. p. 1-195. Disponível em: <<http://books.scielo.org/id/sj9xk/pdf/nunes-9788572166751.pdf#page=17>>. Acesso em: 29 out. 2019.

NUTT, David. Drug harms in the UK: a multicriteria decision analysis. **Lancet**, Reino Unido, v. 376, p.1558-1565, nov. 2010.

OLIVEIRA, Aislan José de et al. Alterações de neuropsicológicas decorrentes de substâncias psicoativas. **Revista de Saúde Pública do Paraná**, [s.l.], v. 2, n. 1, p.148-158, 17 jul. 2019. Revista de Saúde Pública do Paraná. <http://dx.doi.org/10.32811/25954482-2019v2n1p148>.

OLIVEIRA, Tiago Branquinho et al. USO DE ÁLCOOL, TABACO E DROGAS ILÍCITAS POR ESTUDANTES DE FARMÁCIA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS. **Revista Eletrônica de Farmácia**, [s.i.], v. 2, n. 2, p.133-136, 2005. Disponível em: <<https://www.revistas.ufg.br/REF/article/view/1995/1963>>. Acesso em: 29 out. 2019.

ORTEGA-PÉREZ, Carlos Alexander; COSTA-JÔNIO, Moacyr Lobo da; VASTERS, Gabriela Pereira. Perfil epidemiológico de la drogadicción en estudiantes universitarios. **Revista Latino Americana de Enfermagem**, São Paulo, v. 19, p.665-672, jun. 2011. Disponível em: <<https://www.redalyc.org/pdf/2814/281421968002.pdf>>. Acesso em: 29 out. 2019.

PILLON, Sandra Cristina; O'BRIEN, Beverley; CHAVEZ, Ketty Aracely Piedra. A RELAÇÃO ENTRE O USO DE DROGAS E COMPORTAMENTOS DE RISCO ENTRE UNIVERSITÁRIOS BRASILEIROS. **Revista Latino Americana de Enfermagem**, São Paulo, v. 13, n. 2, p.1-9, nov. 2005.

POIARES, Carlos Alberto. Contribuição para uma análise histórica da droga. **Revs. Toxicodependências**, [s.i.], v. 1, n. 1, p.4-10. 1999. Disponível em: <http://www.sicad.pt/BK/RevistaToxicodependencias/Lists/SICAD_Artigos/Attachments/293/artigo%201_1999.pdf>. Acesso em: 21 jun. 2019.

PRATTA, Elisângela Maria Machado; SANTOS, Manoel Antônio dos. LEVANTAMENTO DOS MOTIVOS E DOS RESPONSÁVEIS PELO PRIMEIRO CONTATO DE ADOLESCENTES DO ENSINO MÉDIO COM SUBSTÂNCIAS PSICOATIVAS. **Revista Eletrônica Saúde Mental Álcool e Drogas**, São Paulo, v. 2, n. 2, p.1-17, 2006. Disponível em: <<https://www.redalyc.org/pdf/803/80320204.pdf>>. Acesso em: 29 out. 2019.

RAMIS, Thiago Rozales et al. Tabagismo e consumo de álcool em estudantes universitários: prevalência e fatores associados. **Revista Brasileira de Epidemiologia**, Pelotas, v. 2, n. 15, p.376-385, 2012. Disponível em: <<https://www.scielosp.org/pdf/rbepid/2012.v15n2/376-385/pt>>. Acesso em: 29 out. 2019.

REGINATO, Andréa Depieri de Albuquerque. Regulamentação de uso de substância psicoativa para uso religioso: o caso da ayahuasca. **Revista do Núcleo de Pós-graduação A Pesquisa em Ciências Sociais**, São Cristóvão, v. , n. , p.57-78, jul. 2010. Disponível em:

<[https://www.acervo.ufs.br/bitstream/riufs/1153/1/Regulamenta% c3% a7% c3% a3oDeUs o.pdf](https://www.acervo.ufs.br/bitstream/riufs/1153/1/Regulamenta%c3%a7%c3%a3oDeUs o.pdf)>. Acesso em: 25 out. 2019.

RODRÍGUEZ, Verónica Margarita Hernández; SCHERER, Zeyne Alves Pires. Motivação do estudante universitário para o consumo de drogas legais. **Revista Latino-americana de Enfermagem**, Ribeirão Preto, v. 1, n. 16, p.1-5, maio 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rlae/v16nspe/pt_11.pdf>. Acesso em: 25 out. 2019.

SABINO, Nathalí di Martino; CAZENAVE, Sílvia de Oliveira Santos. Comunidades terapêuticas como forma de tratamento para a dependência de substâncias psicoativas. **Estudos de Psicologia**, Campinas, v. 2, n. 22, p.167-174, abr. 2005. Disponível em: <<https://www.redalyc.org/pdf/3953/395336346006.pdf>>. Acesso em: 25 out. 2019.

SIEGEL, Ronald. **Intoxication: The Universal Drive for Mind-Altering Substances**. Rochester: Park Street Press, 2005. 408 p

SILVA, Leonardo V e Rueda et al. Fatores associados ao consumo de álcool e drogas entre estudantes universitários. **Caderno de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 40, p.280-288, fev. 2005. Disponível em: <<https://www.scielo.org/pdf/rsp/2006.v40n2/280-288/pt>>. Acesso em: 29 out. 2019.

SILVEIRA, Dartiu Xavier da; DOERING-SILVEIRA, Evelyn. **Classificação das substâncias psicoativas e seus efeitos**. Disponível em: <<http://conselheiros6.nute.ufsc.br/wp-content/uploads/avea/textos/capitulo-3.pdf>>. Acesso em: 21 jun. 2019.

SIMÕES, Júlio Assis. Prefácio. In: LABATE, Beatriz Caiuby et al (Org.). **Drogas e Cultura: novas perspectivas**. São Paulo: Fapesp, 2008. p. 65-91. Disponível em: <<https://repositorio.observatoriodocuidado.org/handle/handle/503>>. Acesso em: 22 set. 2019.

SOUSA, Nuno Miguel Cunha de. **Os estudantes universitários e o consumo de substâncias psicoativas**. 2014. 52 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Psicologia, Universidade Lusófana do Porto, Porto, 2014. Disponível em: <[http://recil.grupolusofona.pt/bitstream/handle/10437/5870/Disserta% c3% a7% c3% a3o% 20Nuno% 20Sousa.pdf?sequence=1](http://recil.grupolusofona.pt/bitstream/handle/10437/5870/Disserta%c3%a7%c3%a3o%20Nuno%20Sousa.pdf?sequence=1)>. Acesso em: 29 out. 2019.

SOUZA, Taciana Santos; CALVETE, Cássio da Silva. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE

HISTÓRIA ECONÔMICA, XII., 2017, Niterói. **História e formação do mercado das drogas**. Niterói: Associação Brasileira de Pesquisadores em História Econômica, 2017. p. 22 Disponível em: <<http://www.abphe.org.br/uploads/ABPHE%202017/10%20Hist%C3%B3ria%20e%20forma%C3%A7%C3%A3o%20do%20mercado%20das%20drogas.pdf>>. Acesso em: 28 set. 2018.

TAMELINI, Melissa Garcia; MONDONI, Susan Meire. **Dependência de Substâncias Psicoativas**. 2009. Disponível em: <https://www.medicinanet.com.br/conteudos/revisoes/1545/dependencia_de_substancias_psicoativas.htm>. Acesso em: 29 out. 2019.

UNITED NATIONS OFFICE ON DRUGS AND CRIME. Nações Unidas. **World Drugs Report**. [S.I]: United Nations Publication, 2018. 34 p. Disponível em: <https://www.unodc.org/wdr2018/prelaunch/WDR18_Booklet_1_EXSUM.pdf>. Acesso em: 04 set. 2019.

ZALAF, Marília Rita Ribeiro; FONSECA, Rosa Maria Godoy Serpa da. Uso problemático de álcool e outras drogas em moradia estudantil: Conhecer para enfrentar. **Revista Escola Enfermagem**, São Paulo, v. 1, n. 43, p.132-138, maio 2007. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/reeusp/v43n1/17.pdf>>. Acesso em: 25 out. 2019.

ZEFERINO, Maria Terezinha et al. Consumo de drogas entre estudantes universitários: família, espiritualidade e entretenimento moderando a influência dos pares. **Texto & Contexto - Enfermagem**, [s.l.], v. 24, n. , p.125-135, 2015. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/0104-07072015001150014>.

ZEFERINO, Maria Terezinha; FERMO, Vivian Costa. PREVENÇÃO AO USO/ABUSO DE DROGAS. **Proenf Saúde do Adulto**, [s.i], v. 2, n. 7, p.9-42, 2012. Disponível em: <https://grupoapis.ufsc.br/files/2016/12/ProENF-SA_1_Prevencao-ao-uso-de-drogas-1-1.pdf>. Acesso em: 29 out. 2019.

APÊNDICES

APÊNDICE 1 – Questionário

Qual a percepção de universitários sobre drogas lícitas e ilícitas
Seção 1

Gênero:

- Feminino
- Masculino
- Prefiro não responder

Universidade:

Nível

- Graduação
- Mestrado
- Doutorado
- Outros

Curso:

Período do curso:

- Matutino
- Vespertino
- Noturno
- Integral

Trabalha:

- Sim
- Não
- Outros

Você mora na mesma cidade em que estuda

- Sim
- Não
- outros

Com relação a moradia, você:

- Mora sozinho
- Mora com familiares
- Mora com amigos/colegas
- Outros

Seção 2 de 6

Com relação a substâncias psicoativas

Você sabe o que é uma substância psicoativa?

Cite algumas substâncias psicoativas que você conheça

Seção 3 de 6

Com relação ao uso de substâncias psicoativas lícitas

Você sabe o que é algo considerado lícito? Explique

Cite algumas substâncias psicoativas lícitas que você conheça

O que você acha de usuários de substâncias psicoativas lícitas

Para você, quais as causas do uso de substâncias psicoativas lícitas?

Para você quais as consequências do uso de substâncias psicoativas lícitas?

Qual o seu posicionamento com relação aos usuários de substâncias lícitas

Favorável

Desfavorável

Neutro

Para você, um usuário de substâncias lícitas precisa de tratamento? O que você recomendaria

Seção 4 de 6

Com relação o uso de substâncias psicoativas ilícitas

Você sabe o que é a algo considerado ilícito? Explique

Cite algumas substâncias psicoativas ilícitas que você conheça

O que você acha de usuários de substâncias psicoativas ilícitas

Para você, quais as causas do uso de substâncias psicoativas ilícitas

Qual o seu posicionamento com relação aos usuários de substâncias ilícitas

- Favorável
- Desfavorável
- Neutro

Para você, um usuário de substâncias ilícitas precisa de tratamento? O que você recomendaria

Seção 5 de 6

Com relação o uso e a frequência de uso de substâncias psicoativas lícitas

Você já usou alguma substância psicoativa lícita durante sua vida?

- Sim
- Não

Caso a resposta a pergunta anterior seja positiva, quais?

- Álcool
- Tabaco
- Outros

Você usou alguma substância psicoativa lícita nos últimos 12 meses?

- Sim
- Não

Caso a resposta a pergunta anterior seja positiva, quais?

- Álcool
- Tabaco
- Outros

Você usou alguma substância psicoativa lícita nos últimos 30 dias?

- Sim
- Não

Caso a resposta a pergunta anterior seja positiva, quais?

- Álcool
- Tabaco
- Outros

Você usou alguma substância psicoativa lícita nos últimos 12 dias?

Sim

Não

Caso a resposta a pergunta anterior seja positiva, quais?

Álcool

Tabaco

Outros

Com qual idade você teve seu primeiro contato com o álcool?

Com qual idade você teve seu primeiro contato com tabaco?

Você costuma usar tabaco e álcool juntos? Com que frequência

Você já havia consumido alguma dessas substâncias lícitas, antes de ingressar na universidade?

Sim

Não

Qual(is) os motivos que o levam a usar uma destas substâncias?

Caso você faça o uso regular de alguma substância psicoativa lícita, qual esta substância e qual a frequência de uso

Você possui algum amigo que faz o uso regular de álcool ou tabaco?

Sim

Não

Você possui algum familiar que faz uso regular de álcool ou tabaco?

Sim

Não

Para você, o que faz uma pessoa a fazer o uso de uma dessas substâncias?

Seção 6 de 6

Com relação o uso e a frequência de uso de substâncias psicoativas ilícitas
Você já usou alguma substância psicoativa ilícita durante sua vida

- Sim
- Não
- Outros

Caso a resposta a pergunta anterior seja positiva, quais?

- Maconha
- Cocaína
- LSD
- Ecstasy

Você usou alguma substância psicoativa ilícita nos últimos 12 meses?

- Sim
- Não

Caso a resposta a pergunta anterior seja positiva, quais?

- Maconha
- Cocaína
- LSD
- Ecstasy
- Outros

Você usou alguma substância psicoativa ilícita nos últimos 30 dias?

- Sim
- Não

Caso a resposta à pergunta anterior seja positiva, quais?

- Maconha
- Cocaína
- LSD
- Ecstasy
- Outros

Com qual idade você teve seu primeiro contato com uma substância ilícita e qual era esta substância?

Caso você faça uso regular de alguma substância psicoativa ilícita, qual esta substância e qual a frequência de uso?

Qual(is) os motivos que o levam a usar uma destas substâncias?

A primeira vez que você fez uso de uma destas substâncias psicoativas ilícita, foi por influência de alguém?

A primeira vez que você fez uso de uma dessas substância psicoativas ilícita, foi por influência de alguém?

Você possui algum amigo que faz o uso de substâncias psicoativas ilícitas

Sim

Não

Para você, o que leva uma pessoa a fazer o uso de uma dessas substâncias?

APÊNDICE 2 - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE):

Prezado participante, você está sendo convidado(a) a participar da pesquisa “Percepções de estudantes universitários sobre drogas lícitas e ilícitas e suas práticas de consumo”, como requisito para obtenção do título de graduando, desenvolvida por Matheus Barreira Caldas, discente do curso de graduação de Licenciatura em Ciências Biológicas da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), Campus Realeza/Paraná, sob orientação da Professora Dra. Mariane Inês Ohlweiler. O objetivo central do estudo é: Compreender as percepções de estudantes universitários sobre substâncias lícitas e ilícitas e qual o seu padrão de consumo. Os critérios de inclusão dos participantes consideraram os acadêmicos dos cursos de graduação das seguintes universidades: UTFPR *campus* Francisco Beltrão e UFFS *campus* Realeza. Sua participação não é obrigatória, você não receberá remuneração e nenhum tipo de recompensa nesta pesquisa, sendo sua participação voluntária. Você tem plena autonomia para decidir se quer ou não participar, bem como desistir da colaboração neste estudo no momento em que desejar, sem necessidade de qualquer explicação e sem nenhuma forma de penalização. Contudo, sua participação é muito importante para a execução desta pesquisa. Serão garantidas a confidencialidade e a privacidade das informações por você prestadas. Qualquer dado que possa identificá-lo(a) será omitido na divulgação dos resultados da pesquisa e o material armazenado em local seguro. A qualquer momento, durante a pesquisa, ou posteriormente, você poderá solicitar do pesquisador informações sobre sua participação e/ou sobre a pesquisa, o que poderá ser feito através dos meios de contato explicitados neste Termo. A sua participação consistirá em responder perguntas de um roteiro que está dividido em 6 seções. O tempo de duração da pesquisa pode variar entre 10 e 20 minutos. As informações serão compiladas e armazenadas, em arquivos digitais, mas somente terão acesso às mesmas o pesquisador e sua orientadora (estes dados serão arquivados. O benefício relacionado com a participação nesta pesquisa se constitui no conhecimento que será gerado sobre o tema, a partir do qual serão mensuradas as diferentes percepções sobre o consumo de drogas lícitas e ilícitas e práticas de consumo. Diretamente, a pesquisa possibilitará a expressão de opinião sobre a temática das drogas lícitas e ilícitas, caracterizando-se como um espaço de escuta sobre o tema, mais especificamente nas questões abertas que possibilitam respostas "livres" e descritivas. Indiretamente (já que se trata de uma ação que não é garantida a todos os participantes), a

pesquisa possibilitará a reflexão sobre a temática das drogas, no sentido de fazer com que os participantes tenham um momento para pensar a respeito do referido tema. Em relação aos riscos, você poderá sentir desconforto em compartilhar informações, pois algumas perguntas podem interferir na vida e na rotina, evocar sentimentos ou lembranças desagradáveis. Caso não se sinta à vontade de responder o questionário na íntegra, você tem total liberdade para interromper o mesmo assim que o desejar. Caso não tenha acesso à internet, você poderá utilizar o laboratório de informática da universidade para acessar e responder o questionário. A devolutiva dos resultados da pesquisa será realizada através de envio da apresentação, análise e discussão dos dados obtidos através do endereço eletrônico dos participantes registrados institucionalmente. Além disso, prevê-se a publicação de artigos acadêmicos com os dados obtidos, os quais também serão encaminhados para as respectivas instituições participantes com o intuito de divulgar os dados e as análises obtidas. Destaca-se ainda, que qualquer forma de divulgação dos dados manterá preservado o anonimato dos participantes. Caso haja dúvidas a respeito do questionário ou sobre os resultados e divulgação da pesquisa, favor entrar em contato com os pesquisadores: Matheus Barreira Caldas através do e-mail: matheuscaldas_@hotmail.com; Mariane Inês Ohlweiler através do e-mail: mariane.ohlweiler@uffs.edu.br ou pelo número: (51) 982038648. Desde já agradecemos sua participação! Em caso de reclamação ou qualquer tipo de denúncia sobre este estudo deve ligar para o CEP UFFS (49)2049-3745 ou mandar um *email* para cep.uffs@uffs.edu.br.

Contato profissional com o(a) pesquisador(a) responsável:

Tel. (51) 982038648

E-mail: mariane.ohlweiler@uffs.edu.br

Endereço para correspondência:

Rodovia BR 182 - Km 466

Avenida Edmundo Gaievski, 1000

Cx Postal 253, CEP 85770-000

Telefone: (46) 3543-8386

Em caso de dúvida quanto à condução ética do estudo, entre em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da UFFS.

Tel. e Fax - (0XX) 49- 2049-3745

E-Mail: cep.uffs@uffs.edu.br

http://www.uffs.edu.br/index.php?option=com_content&view=article&id=2710&Itemid=1101&site=proppg

Endereço para correspondência: Universidade Federal da Fronteira Sul/UFFS - Comitê de Ética em Pesquisa da UFFS, Rodovia SC 484 km 02, Fronteira Sul, CEP 89815-899 Chapecó - Santa Catarina – Brasil)

Declaro que entendi os objetivos e condições de minha participação na pesquisa e concordo em participar.

Nome completo do (a) participante:

Assinatura: _____

Realeza, ____ de _____ de 2019.

Assinatura do/a participante*

*Pelo fato de o questionário ser aplicado de forma online, a assinatura e aceite do participante será representada pela expressão: “Após ler o termo acima, declaro que estou ciente e aceito participar desta pesquisa.”

Assinatura da responsável pelo estudo.

Desde já agradecemos sua participação!